IVÁNOV

A. P. TCHÉKHOV

APRESENTAÇÃO

Antón Pávlovitch Tchékhov (1860-1904) é, sem dúvida, um dos escritores russos de maior repercussão no mundo das letras e também do teatro. Responsável por uma subversão absoluta da estrutura tradicional da narrativa de ficção do século XIX, Tchékhov também se consagrou como dramaturgo ao inovar a arte de construir estórias, através de um encadeamento da ação dramática muito peculiar, e inédito até então, o que causou, de início, certo desconforto na crítica e no público de sua época.

Tal liberdade na construção dramatúrgica se verifica, em particular, na forma de composição das personagens, calcada no sutil fluxo subjetivante que permeia a trama, as situações, os conflitos e os atos dramáticos e que resulta naquilo que se convencionou chamar de "teatro de atmosfera tchekhoviano", onde o jogo psicológico oculto, o subtexto rico de significações e a densa rede dos conflitos se refratam em intervalos e pausas, silêncios e diálogos aparentemente vazios, mas que articulam todo o jogo dramático que ocorre, por assim dizer, na interface do texto.

Mas Tchékhov também inovava ao trazer ao palco um novo herói, ou melhor, uma galeria imensa de anti-heróis, personagens fracas e embotadas, cuja inação e incapacidade de agir diante de uma rotina monótona e paralisante faziam alusão a aspectos da vida coletiva na Rússia dos anos de 1890: sua inércia social, seu tédio existencial e uma revolta angustiante que sufocava os últimos anos da Rússia czarista.

Daí resulta, talvez, o fato de suas principais peças e as mais conhecidas entre nós *(As Três Irmãs, A Gaivota, O Jardim das Cerejeiras)* destacarem, antes de mais nada, um certo entorpecimento provinciano, pelo qual o dramaturgo pode extrair todo o prosaísmo de uma existência ordinária e decadente.

A peça *Ivánov*, a primeira peça de Tchékhov a ser encenada em 1887 no Teatro Korch de Moscou, e numa segunda versão, em 1889, no Teatro Aleksandrínski de São Petersburgo, não teve propriamente uma acolhida calorosa e o dramaturgo chegou a expressar o seu descontentamento com a montagem e com a interpretação dos atores numa carta dirigida a seu irmão, em 20 de dezembro de 1887.

Bem, a peça aconteceu... Vou descrever tudo, por ordem. Antes de mais nada, Korch me havia prometido dez ensaios, mas fez apenas quatro, dos quais apenas dois podem ser chamados de ensaio, pois os outros tomaram a forma de torneios, nos quais os senhores artistas ficaram

praticando logomaquias e insultos. Apenas Davidov e Glama sabiam os seus papéis, enquanto os demais representavam com a ajuda do ponto ou de acordo com sua inspiração.[1]

De fato, Tchékhov percebera que faltava, talvez, uma expressão cênica adequada a sua escritura dramatúrgica que, embora significasse, no caso dessa peça, tão-somente sua estréia como dramaturgo, já apresentava características inovadoras e sutilezas de composição que, apenas anos depois, puderam ser captadas e genialmente transpostas para o palco por Konstantin Stanislávski e Nemiróvitch Dântchenko, diretores do então recém-criado Teatro de Arte de Moscou, quando da consagrada montagem de uma das obras-primas da dramaturgia mundial, *A Gaivota*, de 1898. Seguiram-se outras experiências bem-sucedidas do T.A.M., a partir de textos tchekhovianos: *Tio Vânia* (1899), *As Três Irmãs* (1901) e *O Jardim das Cerejeiras* (1904).

Ivánov, na verdade, não foi a primeira experiência de Tchékhov no campo da dramaturgia, embora tenha sido a primeira a ser encenada. Já havia escrito uma peça de quatro atos, entre 1878 e 1881, publicada postumamente, em 1923, conhecida hoje com o título de *Platónov.* Havia escrito também a primeira versão do monólogo *Sobre os Malefícios do Tabaco* (1886) e um estudo dramático de um ato, *Na Estrada Real,* de 1885.

Em carta de 12 de outubro de 1887, ele nos relata a propósito da composição da peça *Ivánov:*

Escrevi a peça por acaso, após uma conversa com Korch. Fui me deitar, imaginei um tema e escrevi. Gastei duas semanas nela ou, mais exatamente, dez dias, pois, nas duas semanas, houve dias em que não trabalhei ou escrevi outras coisas. Não posso julgar as qualidades da peça. Desconfio que ela tenha saído curta. Todos gostaram dela. Korch não encontrou nenhum erro e nenhuma infração contra a cena — prova de que meus juizes são bons e delicados. Foi a primeira vez que escrevi uma peça, ergo, os erros são obrigatórios, O argumento é complicado e não é tolo. Termino cada ato como os meus contos: conduzo o ato inteiro de maneira tranqüila e mansa, mas no final dou um tapa na cara do espectador. Usei toda a minha energia em alguns trechos realmente fortes e vivos, mas as pontes que ligam esses trechos são insignificantes, frouxas e estereotipadas. Apesar de tudo, estou contente.[2]

É surpreendente a capacidade de Tchékhov, nesta e em outras tantas cartas de sua vasta correspondência, de analisar o seu próprio ato criador com tamanha clareza e sensibilidade, emitindo muitas vezes opiniões extremamente agudas e objetivas. não só sobre o seu próprio trabalho, mas também sobre a arte, a literatura, o teatro, a vida.

---

[1] *Apud* Sophia Angelides, *A. .P Tchékhov: (ditos para uma Poética,* São Paulo, Edusp, 1995 (carta 17).

[2] *Idem,* p. 66 (carta 10).

Se *Ivánov* não se constitui ainda como a mais completa realização no campo da dramaturgia tchekhoviana, como nos assinala o próprio escritor, a peça, no entanto, não é, em absoluto, um texto desprovido de qualidades dramatúrgicas e literárias. Ao contrário, encontram-se já aqui todos os ingredientes que conformam a tessitura dramática tipicamente tchekhoviana. *Ivánov* é, sem dúvida, exemplar de todo seu teatro.

A personagem principal, ao redor da qual gravitam as outras personagens da peça, é precisamente aquele mesmo anti-herói que se move, como em todas suas outras peças, através de uma marcha enganosa, como que perdido no vazio de um universo em pleno naufrágio. O protagonista é a própria configuração daquela camada da sociedade, a *intelligentsia* russa do final do século XIX, pela qual o dramaturgo demonstrou, a um tempo, indulgência, crítica mordaz e benevolente compreensão. Já está aqui delineado o homem supérfluo, sem espaço para a ação, que sucumbe na rede de seus próprios sonhos e cuja abulia nada mais é do que mero desdobramento de uma sociedade absurda e indolente.

Mas a solidão dessas personagens, a angústia e o tédio não impedem certa comicidade subterrânea, sempre presente nos textos de Tchékhov. Há, é certo, nesta amargura tchekhoviana, algo de cômico, irônico mesmo, que brota desse contraste entre as perspectivas dos sonhos e a incapacidade de alcançá-los. Daí certa oscilação, por parte da crítica, em classificar suas peças como dramas ou comédias. Talvez resida justamente nesse contraponto, entre a comicidade e a aflição aterradora, o caráter tragicômico não só de sua dramaturgia, mas de todo seu trabalho literário, o que acaba por imprimir em seus textos um jogo de luz e sombra, próprio de certa atmosfera do impressionismo.

Também não são poucos os tristes palhaços, os excêntricos, figuras que lembram bonecos de feira, quase tipos da *conzmedia delI'a,te* (como Bórkin e Liébedev, por exemplo, em *Ivánov)* que remetem a um lirismo não isento, entretanto, de certo matiz grotesco e caricatural.

Corrobora essa estrutura dual de tragicomédia certa desordem lingüística: diálogos repletos de *nonsenses,* conversas enganosas que beiram o absurdo (a festa no Ato II de *Ivánov* é exemplar), saltos de entonação, desordem rítmica, estrutura dramática fragmentária.

Os diálogos são, portanto, testemunhos de uma desarticulação da palavra, uma conversação quase alucinada, por vezes vazia, e que se projetam na incomunicabilidade que preside a relação entre as personagens de Tchékhov.

Em *Ivánov* as conversas sobre o jogo de cartas, o delírio incessante de Kossíkh, as referências contínuas ao dinheiro, às dívidas, à comida, aos pequenos prazeres domésticos, e até mesmo o amor obsessivo de Sacha por Ivánov, transformam as palavras numa série de vazios, numa profusão verbal que mais se assemelham a solilóquios solitários e discordantes.

É desse entrelaçamento que emerge o denso subtexto tchekhoviano, revelador das

psicologias e das situações dramáticas.

Traduzir o teatro de Tchékhov é, como se vê, tarefa delicada, porém extremamente sedutora. Tentar perseguir as sutilezas do texto, penetrar nos meandros de sua linguagem teatral, na articulação livre dos diálogos, na elegância de sua simplicidade, é um desafio que ousamos, enquanto tradutores da presente peça, enfrentar.

Mas o resultado que aqui se tem é, na verdade, fruto de um esforço conjunto. A operação com o texto se deu ao mesmo tempo em que o elenco do grupo TAPA montava, em São Paulo, o espetáculo, discutia personagens e cenas, lia o texto em outras tantas línguas, além do russo, possibilitando-nos, assim, aliar o trabalho de tradução à rica experiência cênica que é a aventura da palavra no palco.

Dessa forma, muitas das soluções estilísticas e lingüísticas foram experimentadas durante os ensaios, transformadas e discutidas com os atores que propunham sem cessar novas possibilidades, em função do desenrolar da prática cênica. Muitas delas foram incorporadas depois à versão final do texto em português. Um exercício produtivo e gratificante que o amplo fenômeno da criação teatral engendra.

A transliteração em português dos nomes e termos russos segue de perto a pronúncia russa e obedece a uma normatização que vem se consolidando entre nós, desde os primeiros textos russos traduzidos no Brasil pelo professor Bons Schnaiderman.

Ivánov é uma peça atual. Tchékhov nos fala ainda, de modo espantoso, do nosso e para o nosso tempo: o lento arrastar-se de um final de século sem grandes ímpetos, um monótono jogo de paciência.

O próprio dramaturgo nos assegura:

Digo-lhe em sã consciência, com sinceridade, que esses homens não surgiram na minha cabeça vindos da espuma do mar, nem de idéias pré-concebidas, nem do "intelectualismo", nem do acaso. Eles são o resultado da observação e do estudo da vida. Eles estão no meu cérebro, e sinto que não menti nenhum centímetro, nem compliquei nenhuma letra. E se no papel eles saíram sem vida e pouco nítidos, a culpa não é deles, é da minha incapacidade de transmitir as minha idéias. Significa que ainda é cedo para eu escrever peças.[3]

ARLETE CAVALIERE

EDUARDO TOLENTINO ARAÚJO

[3] Idem. P.130 (carta 40)

PERSONAGENS

IVÁNOV, Nikolai Alekséievitch (Kólia, Nicolas), Membro Efetivo do Conselho Rural.

ANNA PETRÓVNA (Ania, Aníuta) sua mulher, antes do casamento Sara Abramson.

CHABÉLSKI, Matvéi Semiónovitch, Conde, tio de Ivánov por parte de mãe.

LIÉBEDEV, Pável (Kiríltch), Diretor Administrativo Distrital.

ZINAÍDA SÁVICHNA, sua mulher.

SACHA (Aleksandra Pávlovna), filha deles, vinte anos de idade.

LVOV, Ievguêni Konstantinóvitch, um jovem médico.

BABÁKINA, Márfa Iegórovna, a viúva de um proprietário de terras, filha de um rico comerciante.

KOSSÍKH, Dimítri Nikítch, fiscal de rendas.

BÓRKIN, Mikhaíl Mikháilovitch (Micha, Michel), parente distante de Ivánov e administrador de sua propriedade.

AVDÓTIA NAZARÓVNA, uma velha sem ocupação definida.

IEGÓRUCHKA, agregado dos Liébedev.

PRIMEIRO CONVIDADO.

SEGUNDO CONVIDADO.

TERCEIRO CONVIDADO.

QUARTO CONVIDADO.

PIÓTR, empregado de Ivánov.

GAVRILA, empregado dos Liébedev.

VISITANTES de ambos os sexos.

A AÇÃO DECORRE EM UMA DAS PROVÍNCIAS DA RÚSSIA CENTRAL.

IVÁNOV

PRIMEIRO ATO

CENA 1

IVÁNOV E BÓRKIN

(JARDIM DE IVÁNOV A ESQUERDA, A FRENTE DA CASA COM TERRAÇO, UMA JANELA ESTA ABERTA. NA FRENTE DO TERRAÇO, UMA ÁREA SEMICIRCULAR COM CAMINHOS QUE LEVAM AO JARDIM QUE FICA À DIREITA DA CASA. CADEIRAS DE JARDIM, MESAS, COM UM ABAJUR NUMA DELAS. É FIM DE TARDE. QUANDO A CORTINA ABRE, OUVE-SE UM DUETO DE PIANO E CELLO SENDO TOCADO DENTRO DA CASA.)

[IVÁNOV ESTÁ SENTADO LENDO UM LIVRO. BÓRKIN É VISTO NO FUNDO DO JARDIM, COM UMA ESPINGARDA E VESTINDO BOTAS QUE VÃO ATÉ AS COXAS. ESTÁ UM POUCO BÊBADO. AO VER IVÁNOV, ELE VEM PÉ ANTE PÉ E APONTA A ESPINGARDA NA CARA DELE.]

IVÁNOV *[vendo Bórkin, leva um susto e pula da cadeira]*

— Meu Deus, Micha... Que susto! Já não ando muito bem e você ainda vem com essas brincadeiras idiotas. *[Senta*.] E o pior é que acha graça.

BÓRKIN *[dá uma gargalhada]*

— Tá, tá, desculpe. *[Senta ao lado dele.]* Não faço mais. *[Tira seu boné de pala.]* Estou exausto! Imagine que andei dezessete *verstas*[4] em apenas três horas... Quer ver como o meu coração está batendo...

IVÁNOV *[lendo]*

— Depois. *[Volta a ler]*

BÓRKIN

— Não, agora. *[Pega a mão de Ivánov e coloca no seu peito.]* Está ouvindo? Tum, tum, tum, tum, tum, tum... tenho um sopro no coração, posso morrer de repente. Se eu morrer, você vai sentir a minha falta?

[4] *Versta:* medida russa equivalente a 1, 06 km.

IVÁNOV

— Estou lendo. Depois.

BÓRKIN

— Não, é sério, se eu morrer de repente, você vai sentir? Nikolai Alekséievitch, você vai sentir?

IVÁNOV

— Me deixe em paz.

BÓRKIN

— Você vai sentir?

IVÁNOV

— O que eu sinto é esse cheiro de vodca. E repugnante, Micha.

BÓRKIN *[ri]*

— Será que está cheirando? Que estranho! Aliás, não tem nada de estranho. Eu encontrei um juiz em Pliésniki e confesso que cada um de nós virou mais de oito copos. Dizem que beber faz mal. O que você acha? Faz mal ou não faz?

IVÁNOV

— Chega, Micha. É insuportável. Parece deboche.

BÓRKIN

— Tá, tá, tá desculpe. Já estou indo. *[Levanta-se para sair]* Tem gente tão engraçada, não se pode falar nada. *[Voltando-se.]* Ah, já ia me esquecendo... Por favor, 82 rublos.

IVÁNOV

— Que 82 rublos?

BÓRKIN

— Amanhã é dia de pagar os empregados.

IVÁNOV

— Eu não tenho.

BÓRKIN

— Então, muito obrigado. *[Imitando.]* "Eu não tenho." Mas a gente tem que pagar, não tem?

IVÁNOV

— Não sei. Hoje não tenho nada. O Conselho Rural só me paga dia primeiro.

BÓRKIN

— Não dá pra conversar com um sujeito desses. Os homens vêm receber amanhã... não no dia primeiro.

IVÁNOV

— E o que você quer que eu faça? Se quiser pode me matar. Que mania de me interromper sempre que estou lendo ou escrevendo.

BÓRKIN

— Os empregados tem que ser pagos ou não? Ah, não dá pra falar com você. *[Gesto de impaciência.]* Proprietários de terras... fazendeiros... Organização racional... que o diabo os carregue! Mil acres de terra e o bolso vazio! Tem a adega cheia, mas não tem saca-rolha! Ótimo, amanhã vendo a *tmika*. Já vendi a aveia antes da colheita, posso vender o trigo também. *[Dá passos largos.]* Acha que vou me preocupar? Você não me conhece!

CENA II

IVÁNOV*, *BÓRKIN*, *CHABÉLSKI* E *ANNA

CHABÉLSKI *[em* off *pela janela]*

— É impossível tocar com você. Você toca muito mal e tem um ouvido de arenque defumado.

ANNA *[vista pela janela]*

— Quem está aí? É você, Micha? Por que está tão agitado?

BÓRKIN

— Com o seu Nicolas-voilà, isso ainda é pouco.

ANNA

— Micha, mande alguém levar feno para o campo de *criquet!*

BÓRKIN *[gesto de desespero]*

— Por favor, me deixe em paz!

ANNA

— Nossa, que jeito de falar! Se você quer agradar as mulheres, não devia falar assim. *[Para seu marido.]* Vamos rolar no feno, Nikolai?

IVÁNOV

— Aníuta, você não deve ficar na janela! Quer entrar? *[Grita.]* Tio, feche a janela! *[A janela é fechada.]*

BÓRKIN

— Não se esqueça que daqui a dois dias, você precisa pagar os juros aos Liébedev.

IVÁNOV

— Eu sei. Hoje à noite, eu vou à casa deles pedir um adiamento. *[Olha para o relógio.]*

BÓRKIN

— A que horas você vai?

IVÁNOV

— Agora.

BÓRKIN *[alegre.]*

—Espere aí. Hoje é o aniversário da Sacha! Ai, ai, ai. Eu quase esqueci. Que memória! *[Pula.]* Eu também vou. *[Canta.]* Eu vou, eu vou, eu vou. Vou tomar um banho, bochechar e com três gotas de amoníaco, estou pronto para outra. Nikolai, coraçãozinho da mamãe, meu anjinho, você

anda muito nervoso, está sempre deprimido, se lamentando. Meu Deus! Nós dois poderíamos fazer grandes negócios. Por você, eu faria qualquer coisa. Se você quiser, posso até me casar com a Babákina! Metade do dote seria seu. Não... que metade! O dote todo.

IVÁNOV

— Bobagem!

BÓRKIN

— Não, é sério. Você quer que eu case com a Babákina? Repartimos o dote. Mas não adianta falar com você. *[Provoca.]* "Bobagem". Você é bom, inteligente, mas falta um não sei o quê... Você devia se arriscar mais e que se dane o resto. Você é um demente, vive choramingando, se fosse normal, em um ano estaria milionário. Se eu, por exemplo, tivesse 2 300 rublos, em duas semanas estaria com 20000. Você não acredita? Pra você tudo é bobagem, não é? Então me dê 2 300 rublos, e em uma semana eu devolvo 20000. Ovsiánov está vendendo por 2 300 rublos um terreno bem em frente ao nosso, do outro lado do rio. Se comprarmos. as duas margens do rio vão ser nossas; aí podemos fazer uma represa e construir um moinho... Assim que souberem da represa, vai começar o berreiro. Nós vamos dizer "Kommen Sie hierher"[5]: se vocês não querem uma represa, é só soltar o dinheiro. Ficou claro? A fábrica Zarevski vai pagar *5* 000, Korolkov 3000 e o convento vai dar *5* 000.

IVÁNOV

- Isso é canalhice, Micha. Se você não quer brigar comigo, é melhor calar a boca.

BÓRKIN *[senta à mesa]*

— Claro, eu sabia! Você não faz nada. nem me deixa fazer.

[5] Em alemão: Venham aqui.

CENA III

IVÁNOV, BÓRKIN, CHABÉLSKI E LVOV

CHABÉLSKI *[saindo da casa com Lvov]*

— Médicos e advogados são iguais, mas os advogados só roubam, já os médicos roubam e matam. Não estou falando dos presentes. *[Senta no banco do jardim.]* Todos são charlatães e exploradores. É possível que haja exceções, mas... durante a minha vida gastei 20 000 rublos com médicos e não encontrei nenhum que não me parecesse vigarista.

BÓRKIN *[para Ivánov]*

— Você não faz nada e também não me deixa fazer. Por isso é que não temos dinheiro...

CHABÉLSKI

— Repito que não me refiro aos presentes. Há exceções, se bem que... *[Boceja.]*

IVÁNOV [*fechando o livro]*

— E então, doutor?

LVOV *[olhando para a janela]*

— Como eu disse de manhã, ela tem que ir para a Criméia imediatamente. *[Andando.]*

CHABÉLSKI *[rindo]*

— Para a Criméia! Por que não começamos a clinicar, Micha? É tão fácil. Se uma Ofélia qualquer tosse de tédio, basta pegar um papel e receitar:

primeiro, um médico jovem. Segundo: uma viagem para a Criméia... e, lá, um tártaro...

IVÁNOV *[para o Conde]*

—Ah, chega! *[Para Lvov]* Para ir à Criméia, é preciso recursos. Mas mesmo que eu consiga, ela se recusa a viajar.

LVOV

— É, ela se recusa. *[Pausa.]*

BÓRKIN

— Doutor, será que é tão grave que ela precise ir para a Criméia?

Lvov *[olhando para a janela]*

— E. Ela está tuberculosa.

BÓRKIN

— Uf! Isso é mal. Até eu já tinha reparado que ela tem o aspecto de quem não vai durar muito.

LVOV

— Mas... por favor, fale baixo. Dá pra ouvir tudo lá de dentro. *[Pausa.]*

BÓRKIN *[suspirando]*

— O que é a vida... A vida é uma flor no campo. Um bode vem pastar e não tem mais flor.

CHABÉLSKI

— Bobagem e velhacaria. *[Boceja. Pausa.]*

BÓRKIN

— Meus senhores, eu fico aqui ensinando a Nikolai como ganhar dinheiro. Dei uma idéia excelente, mas a pólvora, como sempre, caiu no molhado. Ele não quer entender. Olhem a cara dele: melancolia, tédio e desgosto...

CHABÉLSKI *[fica em pé e se espreguiça]*

— Gênio! Você está sempre dando conselhos e ensinando os outros. Quem me dera um dia, você me ensinasse um pouco... Já que é tão iluminado, me mostre uma saída.

BÓRKIN *[fica em pé]*

— Eu vou tomar banho. Até logo, senhores. *[Para o Conde.]* Você tem vinte saídas. Se eu fosse você, ganharia 20000 em uma semana. *[Sai.]*

CHABÉLSKI *[seguindo-o]*

— Como? Me ensine!

BÓRKIN

— Não há nada para ensinar, é muito simples. *[Volta.]* Me empreste um rublo, Nikolai. *[Ivánov dá o dinheiro.] Merci. [Para o Conde.]* Você ainda tem muitas cartas na manga.

CHABÉLSKI *[indo atrás dele]*

— Quais?

BÓRKIN

— No seu lugar, eu ganharia 30000 rublos numa semana. Ou até mais. *[Sai com o conde. Pausa.]*

IVÁNOV

— Pessoas inúteis, palavras inúteis, perguntas imbecis. Isso me cansa, Doutor, me deixa doente. Ando irritado, irascível. Passo o dia todo com dor de cabeça, tenho insônia, tonteira. Não sei o que fazer. Não sei.

LVOV

— Nikolai Alekséievitch, eu preciso falar seriamente com você.

IVÁNOV

— Fale.

LVOV

— É sobre Anna Petróvna. *[Senta-se.]* Ela se recusa a ir para a Criméia, mas com você ela iria.

IVÁNOV *[depois de refletir]*

— Se formos os dois fica muito caro. Além disso, não posso tirar outra licença este ano.

LVOV

— Vamos supor que seja verdade. Continuando: o melhor tratamento para a tuberculose é o repouso absoluto. E a sua mulher não tem um só minuto de sossego. Por sua causa, ela vive num estado de inquietação constante. Desculpe, estou um pouco nervoso e vou falar sem rodeios. Seu comportamento está matando a sua mulher. *[Pausa.]* Nikolai Alekséievitch, deixe que eu tenha uma opinião melhor sobre você.

IVÁNOV

— Você tem razão. É provável que eu seja culpado, estou tão confuso, tão paralisado. Não consigo entender os outros e nem a mim mesmo. *[Olha para a janela.]* Podem nos ouvir. Vamos sair daqui. *[Eles se levanta.]* Eu gostaria de contar essa história desde o começo, meu amigo, mas é tão complicada que levaria a noite inteira. *[Eles andam.]* Anna é uma mulher maravilhosa, extraordinária. Por minha causa, ela mudou de religião, de nome, abandonou seus pais e renunciou a sua herança. Se eu tivesse exigido mais mil sacrifícios, ela teria feito sem hesitar. Mas eu não tenho nada de extraordinário e nem sacrifiquei nada. Mas é uma longa história, resumindo, meu caro doutor. *[Mostra sofrimento...]* Quando me casei estava loucamente apaixonado. Jurei amor eterno à minha mulher... isso foi há cinco anos, ela ainda me ama, enquanto que eu... *[Levanta os braços.]* Agora você me diz que ela vai morrer logo e eu não sinto nem amor nem pena, só um vazio, um cansaço. Pode parecer monstruoso, mas nem eu mesmo sei o que está acontecendo com minha alma. *[Saem pelo do jardim.* 1

CENA IV

CHABÉLSKI E ANNA

CHABÉLSKI *[entra às gargalhadas]*

— Palavra de honra! Ele não é um vigarista, mas um pensador, um gênio! Merecia uma estátua. Ele concentra toda a podridão de nossa época: a do advogado, a do médico, a do banqueiro. *[Senta no primeiro degrau da escada.]* E o mais surpreendente é que não se formou em nada. Com um pouco mais de cultura, ele seria um canalha genial. Ele me disse: se eu fosse você, em uma semana, ganharia 20000 rublos... Você tem um grande trunfo nas mãos: O seu título de Conde. *[Gargalha.]* Qualquer mocinha com dote se casaria com você... Quer que eu te apresente a Marfa? *Qui est ce que c'est Marfa?* Ah! aquela Balabaquina, Baldaquina... Aquela que parece uma lavadeira...

ANNA *[aparece na janela]*

— É o senhor, Conde?

CHABÉLSKI

— O que é? *[Anna ri.]*

CHABÉLSKI *[com sotaque judeu]*

— Está rindo do quê Sara?

ANNA

— De uma coisa que o senhor disse no almoço. Lembra? "Um ladrão perdoado, um cavalo..." Como era mesmo?

CHABÉLSKI

— Judeu convertido, ladrão perdoado, cavalo curado, valem o mesmo.

ANNA *[ruído]*

— O senhor é muito perverso, não consegue dizer nada sem maldade. Para o senhor, todo inundo é canalha. Francamente! Alguma vez o senhor já falou bem de alguém?

CHABÉLSKI

— Por que essa sabatina?

ANNA

— Nós convivemos há cinco anos sob o mesmo teto e nunca ouvi o senhor falar de alguém sem

maldade, sem deboche. O que as pessoas fizeram ao senhor? O senhor pensa que é melhor que todo mundo?

CHABÉLSKI

— Em absoluto. Eu sou mais duro comigo mesmo do que com os outros. O que eu sou? Eu fui rico. livre, até feliz, mas agora... Sou um parasita, um encostado, um palhaço. Se eu fico indignado riem de mim, mas quando sou eu que estou rindo, eles comentam: o velho não está regulando. Ninguém me escuta mais, ninguém nota a minha presença.

ANNA *[com calma]*

— Ela ainda está gritando...

CHABÉLSKI

— Quem?

ANNA

— A coruja. Ela grita todas as noites.

CHABÉLSKI

— Pois que grite! Pior que está não pode ficar. *[Se espreguiça.]* Ah, minha querida Sara, se eu ganhasse uns 200000 rublos, você ia ver: eu ia embora desse buraco, onde só me dão migalhas, e não poria mais os pés aqui até o juízo final.

ANNA

— E o que o senhor faria?

CHABÉLSKI *[depois de refletir]*

— Primeiro, iria para Moscou ouvir os ciganos. E aí... daria um pulo até Paris. Alugaria um apartamento e freqüentaria a Igreja Russa.

ANNA

— E o que mais?

CHABÉLSKI

— Passaria o dia inteiro sentado no túmulo da minha mulher pensando até morrer. Ela está enterrada em Paris. *[Pausa.]*

ANNA

— Que tédio! Vamos tocar outro dueto?

CHABÉLSKI

— Está bem, prepare as partituras.

CENA V

CHABÉLSKI, IVÁNOV E LVOV

IVÁNOV *[aparece no caminho Com Lvov]*

— Você só se formou no ano passado, meu amigo e ainda é jovem e cheio de entusiasmo, mas eu tenho *35*, tenho o direito de dar conselhos. Nunca se case com judias, nem com neuróticas, nem com intelectuais, mas escolha alguém comum, sem cor, sem brilho. Leve uma vida banal. Quanto mais cinzenta e monótona melhor. Nunca enfrente o mundo sozinho. Não lute contra os moinhos de vento, não bata com a cabeça na parede. Que Deus te livre das organizações racionais, dos discursos inflamados. Fique na sua concha e cumpra com a tarefa que Deus te deu. E mais confortável, mais honesto e mais saudável. A vida que eu vivi... é cansativa, muito cansativa. Quantos erros, injustiças e absurdos. *[Olhando o Conde, irritado.]* Tio, você está sempre rondando, eu não tenho privacidade nenhuma.

CHABÉLSKI *[choramingando]*

— Que diabo, eu não tenho nenhum canto pra me encostar. *[Fica de pé e entra.]*

IVÁNOV *[grita para ele]*

— Tá, desculpe. *[Para Lvov.]* Por que o ofendi? Decididamente, eu perdi o controle. Eu preciso fazer alguma coisa, eu preciso...

LVOV *[agitado]*

— Nikolai Alekséievitch eu escutei... e... me desculpe, mas vou falar francamente e sem rodeios, O tom da sua voz, sem falar nas palavras, revela um egoísmo, uma frieza e uma insensibilidade... uma pessoa está morrendo ao seu lado, tem os dias contados... e você é incapaz de amar. Fica passeando, dando conselhos e fazendo pose. Não sei me exprimir, não tenho o dom das palavras... Eu definitivamente não gosto de você.

IVÁNOV

— Talvez, talvez você saiba julgar melhor de fora. Talvez você me compreenda, e provavelmente eu sou muito culpado. *[Escuta.]* Acho que os cavalos estão prontos, vou me vestir. *[Vai em direção a casa, mas pára.]* Você não gosta de mim e não esconde. Eu admiro você por isso. *[Entra.]*

LVOV *[sozinho]*

— Que falta de personalidade. Perdi outra oportunidade de falar com ele como devia. Basta abrir

a boca e alguma coisa me sufoca, *[bate no peito]* a minha língua fica presa. Como detesto esse tartufo, com esse ar superior! Agora ele vai sair. A coitada da mulher só fica feliz quando ele está por perto, ela precisa dele como do ar, ela implora que ele fique nem que seja uma noite, uma só, mas ele... ele não pode, porque em casa ele se sente sufocado. Se ele ficar uma noite em casa, é capaz de meter uma bala na cabeça de tédio. Coitado... Ele precisa de espaço para dar vazão à sua canalhice. Ah, eu sei por que você vai todas as noites à casa dos Liébedev. Eu sei.

CENA VI

LVOV, IVÁNOV, CHABÉLSKI E ANNA

[IVÁNOV ESTÁ DE CHAPÉU E SOBRETUDO, CHABÉLSKI VEM DA CASA COTA IVÁNOV E ANNA.]

CHABÉLSKI

— Afinal, Nicolas é desumano. Você sai todas as noites e ficamos sozinhos. É tanto tédio que às *8* horas vamos dormir. É uma vergonha. Não é vida... Por que você pode sair, e nós não?

ANNA

— Deixe, Conde. Deixe ele ir.

IVÁNOV *[para Anna]*

— Onde você quer ir doente desse jeito? Você está proibida de sair depois do entardecer... Pergunte ao doutor. Você não é uma criança, Anna, tente ser razoável. *[Para o Conde.]* E você quer ir aonde?

CHABÉLSKI

— Eu prefiro ir pro inferno só para não ficar aqui. Estou entediado. Ninguém me agüenta mais. Você me deixa em casa para fazer companhia à sua mulher e eu a atormento e a mato de tédio.

ANNA

— Deixe ele ir, Conde. Lá ele se diverte.

IVÁNOV

— Que tom é esse, Anna? Você sabe muito bem que eu não vou lá pra me divertir. Eu preciso discutir a dívida.

ANNA

— Não sei por que você está se justificando. Ninguém está segurando você.

IVÁNOV

— Vamos parar com isso! Será que precisamos nos devorar uns aos outros?

CHABÉLSKI *[choramingando]*

— Nicolas, meu filho, por favor, me leve com você. Talvez eu me distraia vendo aqueles bobões e canalhas. Desde a Páscoa não vou a lugar nenhum.

IVÁNOV *[irritado]*

—Tá, então venha. Como vocês me cansam.

CHABÉLSKI

— Mesmo? *Merci, merci. [Pega Ivánov pelo braço e o leva para um canto.]* Posso usar seu chapéu de palha?

IVÁNOV

— Pode, mas não demore. *[O Conde corre para dentro.]*

IVÁNOV

— Como vocês me cansam. Meu Deus, o que estou dizendo? Anna, eu não devia falar assim com você. Eu nunca fiz isso antes... Bom, até logo, Anna. Volto dentro de uma hora.

ANNA

— Kólia, fique em casa, querido.

IVÁNOV *[agitado]*

— Meu bem, eu suplico, não me impeça de sair *à* noite, por favor. Eu sei que é cruel e injusto, mas me deixe cometer essa injustiça. Ficar em casa é insuportável. Logo que anoitece, sinto uma melancolia profunda. Não me pergunte por quê. Eu mesmo não sei, juro que não sei. Aqui eu fico sufocado, então eu vou à casa dos Liébedev e lá é pior. Aí eu volto e começa tudo outra vez. E todas as noites são assim. É desesperador.

ANNA

— Kólia, e se você ficasse? Conversaríamos como antigamente. Jantaríamos juntos e leríamos. O velho e eu preparamos vários duetos pra você. *[Rodeia Ivánov com os braços.]* Fique. *[Pausa.]* Eu não o compreendo. Isso já dura um ano. Por que você mudou?

IVÁNOV

— Eu não sei, não sei.

ANNA

— Por que você não quer que eu saia com você à noite?

IVÁNOV

— Já que você quer saber, eu vou dizer. E cruel, mas é melhor falar. Quando a angústia toma conta de mim... eu não te amo mais. Então eu preciso fugir de você. Resumindo, eu preciso sair de casa.

ANNA

—Angústia! Eu entendo. Sabe, Kólia, você devia cantar, rir, se irritar, como antes. Fique. Nós vamos rir, beber, a sua angústia vai acabar num minuto. Ou então podemos sentar no seu escritório, no escuro, como antes, e você pode me falar da sua angústia. Seu olhar está tão triste. Vou olhar dentro dos seus olhos e vou chorar, e isso vai nos aliviar. *[Ri e chora.]* Então, Kólia?

As flores renascem a cada primavera, e as alegrias não... E isso? Está bem, então vá.

IVÁNOV

— Reze por mim, Anna. *[Anda, pára e pensa.]* Não, eu não posso!! *[Sai.]*

ANNA

— Vá. *[Senta perto da mesa.]*

Lvov *[anda pelo palco]*

— Anna Petróvna, siga as recomendações. Às seis horas vá para o quarto e não saia mais. A umidade da noite faz mal.

ANNA

— As suas ordens.

LVOV

— Como às suas ordens? Estou falando sério.

ANNA

— Eu não quero ser séria. *[Tosse.]*

LVOV

— Está vendo, já está tossindo.

CENA VII

LVOV, ANNA E CHABÉLSKI

CHABÉLSKI *[sai da casa de chapéu e sobretudo]*

— Onde está Nikolai? Os cavalos estão prontos? *[Rapidamente corre e beija a mão de Anna.]* Boa-noite, meu anjo. *[Faz uma cara engraçada e fala com sotaque judeu.]* Com licença, por favor. *[Sai rapidamente.]*

LVOV

— Palhaço! *[Pausa. Som ao longe do acordeon]*

ANNA

— Que tédio! Os empregados estão dando uma festa e eu... eu me sinto tão abandonada. Por que o senhor não pára de andar? Venha se sentar.

LVOV

— Não consigo ficar sentado. *[Pausa.]*

ANNA

— Eles estão cantando na cozinha, está ouvindo? *[Conta.]* "Canário, canário, onde você foi parar? "Estou bebendo vodca pra afogar o meu penar?" *[Pausa.]* Seus pais ainda estão vivos?

LVOV

— Meu pai morreu. Só tenho mãe.

ANNA

— Sente saudades dela?

LVOV

— Não tenho tempo pra isso.

ANNA *[ri]*

— As flores renascem a cada primavera, mas as alegrias não. Quem me disse isso? Acho que foi o próprio Nikolai. *[Aguça os ouvidos.]* A coruja ainda está gritando.

LVOV

— Deixe.

ANNA

— Eu acho, Doutor, que o destino me pregou uma peça. Muita gente que talvez não seja melhor do que eu *é* feliz, sem que tenha pago nada por essa felicidade. Mas eu paguei por tudo,

absolutamente por tudo. E muito caro. Por que me cobraram juros tão altos? Meu amigo, o senhor tem sido cuidadoso comigo, tão cheio de tato; não tem coragem de me dizer a verdade, mas acha que eu não sei o que tenho? Eu sei muito bem. De qualquer maneira, é um assunto desagradável. *[Com sotaque judeu.]* Desculpe, por favor, o senhor sabe alguma piada engraçada?

LVOV

— Não.

ANNA

— Nikolai sabe. Eu estou impressionada com a injustiça humana. Por que não se paga amor com amor? Por que se responde a verdade com a mentira? Até quando meus pais vão me odiar? Eles moram a *50 verstas* daqui, mas eu sinto o seu ódio dia e noite, mesmo dormindo. E essa angústia de Nikolai? À noite, quando a angústia toma conta dele, ele diz que não me ama. Eu posso entender isso, e até aceito. E se ele parar de me amar de vez? Isso é impossível, é claro, mas... e se acontecer? Não, não, é melhor nem pensar. *[Canta.]* "Canário, canário, onde você foi parar?" *[Estremece.]* Que pensamentos horríveis! O senhor não é casado, tem coisas que não pode entender.

LVOV

— A senhora está impressionada?... *[Senta perto dela.]* Não, eu é que estou impressionado. Como uma mulher inteligente, honesta, quase uma santa, se deixou enganar e entrou nesse ninho de corujas? Por que está aqui? O que tem em comum com este homem frio, insensível... Bom, vamos esquecer seu marido. O que a senhora tem em comum com esse mundo fútil, vazio?

Meu Deus! Esse Conde maluco que vive se lamentando, esse espertalhão do Micha, o mais canalha dos canalhas, com aquele aspecto repugnante. A senhora pode me explicar por que está aqui? Como veio parar aqui?

ANNA *[ri]*

— Era exatamente assim que ele falava, assim mesmo. Mas os olhos dele são maiores e quando ele se empolgava, eles brilhavam como brasas! Fale, fale!

LVOV *[fica em* pé, *faz um gesto de desespero]*

— O que a senhora quer que eu diga? Entre.

ANNA

— O senhor diz que Nikolai é isso e aquilo. O que o senhor sabe sobre ele? Será que é possível conhecer alguém em apenas seis meses? Ele é um homem maravilhoso, Doutor, lamento que o senhor não o tenha conhecido há uns dois ou três anos atrás. Agora ele anda melancólico, calado e não faz nada. Mas antigamente... ah! Ele era encantador, me apaixonei à primeira vista. *[Ri.]* Olhei pra ele e caí na armadilha! Ele me disse: vamos. Eu larguei tudo, sabe, como se cortam folhas mortas e o segui. *[Pausa.]* Mas agora não é mais a mesma coisa. Ele vai à casa dos

Liébedev para se distrair com outras mulheres e eu... fico sentada no jardim escutando a coruja gritar. *[Ouvem-se passos de um vigia.]* Doutor, o senhor tem irmãos?

LVOV

— Não. *[Anua soluça.]* O que houve? O que a senhora tem?

ANNA *[levanta]*

— Não posso mais, Doutor, eu vou até lá.

LVOV

— Onde?

ANNA

— Onde ele está. Eu vou lá, mande arrear os cavalos. *[Corre para dentro.]*

LVOV

— Não. Eu me recuso terminantemente a cuidar de alguém nessas condições. Além de não me pagarem um copeque, ainda querem acabar comigo. E, eu me recuso. Pra mim, chega! *[Entra.]*

SEGUNDO ATO

CENA 1

ZINAÍDA, KOSSÍKH, AVDÓTIA, IEGÓRUCHKA, GAVRILA, BABÁKINA, COPEIRA E CONVIDADOS.

(UM GRANDE SALÃO, DANDO PARA O JARDIM. MÓVEIS ANTIGOS, RICOS. LUSTRES, CANDELABROS E QUADROS. TUDO COBERTO. CASA DOS LIÉBEDEV)

[ZINAÍDA SÁVICHNA ESTÁ SENTADA NUM CANAPÉ. À DIREITA E À ESQUERDA DELA, NAS POLTRONAS AS SENHORAS DE IDADE; AS MOÇAS ESTÃO EM CADEIRAS. NO FUNDO PERTO DA PORTA, DANDO PARA O JARDIM, JOGAM CARTAS. ENTRE OS JOGADORES, KOSSÍKH, AVDÓTIA NAZARÓVNA E IEGÓRUCHKA. GAVRILA ESTÁ JUNTO DA PORTA, UMA COPEIRA SERVE DOCES. DURANTE ESSE ATO, OS CONVIDADOS CIRCULAM ENTRE A PORTA DA DIREITA E A DO JARDIM. BABÁKINA ENTRA PELA PORTA DA DIREITA E SE DIRIGE PARA ZINAÍDA.]

ZINAÍDA [*com alegria]*

— Marfa Iegórovna, minha querida...

BABÁKINA

— Boa-noite, Zinaída Sávichna! Parabéns pelo aniversário de Sacha... *[Elas se beijam.]* Que Deus a abençoe!

ZINAÍDA

— Obrigada, querida, estou tão contente... Como vai você?

BABÁKINA

— Muito bem, obrigada. *[Ela senta ao lado de Zinaída.]* Boa-noite, meus jovens...

1º CONVIDADO *[rindo]*

— Jovens!... Por acaso você é velha?...

BABÁKINA *[suspirando]*

— Não sei onde você viu uma jovem aqui?!

1º CONVIDADO *[rindo respeitosamente]*

— Que é isso? Ninguém diria que madame Babákina já é viúva, nenhuma dessas mocinhas chega aos seus pés. *[Gavrila serve chá* a *Babákina.]*

ZINAÍDA *[para Gavrila]*

— Só isso? Traga os doces. Uma geléia de groselha, ou qualquer outra coisa...

BABÁKINA

— Não se incomode. Muito obrigada. *[Pausa.]*

1º CONVIDADO

— Você veio por Múchkino, Marfa Legórovna?

BABÁKINA

— Não, por Záimichtche. A estrada é melhor.

1ºCONVIDADO

— Sem dúvida.

KOSSÍKH

— Duas espadas.

IEGÓRUCHKA

— Passo.

AVDÓTIA

— Passo.

2º CONVIDADO

— Passo.

BABÁKINA

— Os títulos públicos dispararam outra vez, querida Zinaída Savíchna. A primeira emissão já está perto de 270 e a segunda quase chega a *250.* Nunca se viu nada igual.

ZINAÍDA *[suspirando]*

— É bom pra quem tem muitos.

BABÁKINA

— Nem me fale querida. Estão muito bem cotados, mas não vale a pena investir todo seu capital. Só o imposto acaba com qualquer um.

ZINAÍDA

— E verdade, minha cara, mas não perca a esperança. *[Suspira.]* Deus é grande!

3º CONVIDADO

— Na minha opinião, *mesdames,* hoje em dia não vale a pena ter capital. As ações dão pouquíssimos dividendos e qualquer investimento é muito arriscado. Portanto, eu acho,

mesdames, que quem tem capital hoje em dia está numa situação bem mais crítica do que aqueles que...

BABÁKINA *[suspirando]*

— É verdade! *[O 1º Convidado boceja.]* Desde quando se boceja diante das senhoras?

1º CONVIDADO

— *Pardon, mesdames*, foi sem querer.

[ZINAÍDA SE LEVANTA, SAI PELA DIREITA. LONGO SILÊNCIO.]

IEGÓRUCHKA

— Dois ouros.

AVDÓTIA

— Passo.

2º CONVIDADO

— Passo.

KOSSÍKH

— Passo.

BABÁKINA *[à parte]*

— Meu Deus! Que tédio! Quero morrer!

CENA II

OS MESMOS E LIÉBEDEV

ZINAÍDA *[entra pela direita com Liébedex; em voz baixa]*

— Por que você foi sentar aí? Prima-dona! Vá ficar com os convidados! *[Ela volta para seu lugar]*

LIÉBEDEV *[boceja]*

— Oh! Meu Deus! *[Vendo Babákina.]* Meu docinho, meu bombom! Como vai?

BABÁKINA

— Muito bem, obrigada.

LIÉBEDEV

— Graças a Deus! *[Senta numa poltrona.]* Gavrila! *[Gavrila serve um copo de vodca e um copo de água que ele bebe.]*

1º CONVIDADO

— A sua saúde!

LIÉBEDEV

— Que saúde? Eu já dou graças a Deus por ainda não ter esticado as canelas. *[Para a mulher:]* Zinaída, onde está nossa aniversariante?

KOSSÍKH *[queixando-se]*

— Você pode me dizer por que nós não fizemos nenhuma vaza? *[Levanta de um salto.]* Por que perdemos? Que o diabo me carregue!

AVDÓTIA *[levantando-se com raiva]*

— Quem não sabe jogar, paizinho, não joga. Por que você foi jogar nesse naipe? Bem feito: acabou com o ás na mão... *[Deixam a mesa rapidamente.]*

KOSSÍKH *[lamentando-se]*

— Com licença, senhores, eu tinha: o ás, o rei, a dama, e oito cartas de ouros seguidas, o ás de espadas e uma carta baixa de copas, e ela, que diabo, não foi capaz de pedir um pequeno *slan...* Eu disse um sem trunfo.

AVDÓTIA *[interrompendo]*

— Fui eu que disse um sem trunfo. Você disse dois sem trunfo.

KOSSÍKH

— É revoltante. Eu tinha... Você tinha... *[a Liébedev]* o ás, o rei, a dama e mais oito cartas de ouros seguidas...

LIÉBEDEV

— Chega! Por favor, me deixe em paz...

AVDÓTIA

— Fui eu que disse um sem trunfo!

KOSSÍKH *frenético]*

— Eu quero ser excomungado se voltar a jogar com esse esturjão... *[Ele sai para o jardim. O 2º Convidado sai atrás. Na mesa só fica Iegóruchka.]*

AVDÓTIA

— Uff! Eu estou fervendo... esturjão... esturjão é você!

BABÁKINA

— Que gênio, vovozinha.

AVDÓTIA *[percebendo Babákina, levanta os braços.]*

— Minha linda, meu amorzinho... Você estava aí e essa toupeira não viu. *[Beija o ombro e senta ao seu lado.]* Que alegria! Deixe eu olhar pra você! Minha pombinha! *[Bate na madeira.]* Para afastar o mau-olhado.

LIÉBEDEV

— Pra quê? Seria melhor que você arranjasse um noivo pra ela.

AVDÓTIA

— Vou arranjar! Eu não morro sem arranjar um noivo para ela e para Sacha... *[Suspira.]* Mas onde se encontra um noivo hoje em dia. Olhe os nossos noivos: ficam sentados com cara de frango depenado.

3º CONVIDADO

— Que comparação infeliz. Na minha opinião, *mesdames,* se os jovens de hoje preferem a vida de solteiros a culpa é das condições sociais.

LIÉBEDEV

— Tá, tá, mas sem filosofar... Eu não suporto!

CENA III

OS MESMOS E SACHA

SACHA *[entra e vai na direção do pai]*

— Está uma noite linda e vocês aqui, nesse calor!

ZINAÍDA

— Sacha, Você não viu Marfa Iegórovna?

SACHA

— Ah! Desculpe. *[Cumprimenta Babákina.]*

BABÁKINA

— Você ficou orgulhosa, Sacha, muito orgulhosa, você não veio me visitar nem uma vezinha. *[Elas se beijam.]* Parabéns, querida...

SACHA

— Obrigada. *[Senta ao lado do pai.]*

LIÉBEDEV

— É, Avdótia, hoje em dia até padrinho é difícil encontrar, quanto mais noivo. Com o perdão da palavra, a juventude de hoje é azeda e encruada, não sabe dançar, nem conversar, nem beber.

AVDÓTIA

— Beber eles sabem. E só oferecer.

LIÉBEDEV

— Beber não é nada. Até um cavalo pode beber... O importante é beber com inteligência... No meu tempo... a gente dava duro nas aulas o dia inteiro. Mas de noite dançava com as moças e girava em volta do fogo, como um peão, até o amanhecer. *[Faz o gesto de beber]* Além disso... a gente falava e filosofava até secar a língua!... Mas os rapazes de agora... *[Gesto de desdém.]*
Eu não consigo compreender! Eles não servem a Deus nem ao diabo. Só um homem presta em toda a região e ele já é casado. Mas até ele já está perdendo a cabeça. *[Suspira.]*

BABÁKINA

— Quem é?

LIÉBEDEV

— Nikolai Ivánov.

BABÁKINA

— É, ele é um homem bom. *[Com uma careta.]* Mas tão infeliz...

ZINAÍDA

— E ele poderia ser feliz, meu anjo? *[Suspira.]* Coitado, como se enganou!... Casou com uma judia certo de que os pais fossem cobrir a filha de ouro, mas desde que ela mudou de religião, não quiseram mais saber dela e a amaldiçoaram... Ele não viu um copeque sequer. Ele se arrependeu... mas agora é tarde.

SACHA

— Mamãe, isso não é verdade.

BABÁKINA *[vivamente]*

— Como não é verdade, Sacha? Todo mundo sabe disso. Se não fosse por interesse, por que ele se casaria com uma judia? Será que existem poucas russas por aí? Ele se enganou, meu anjo, se enganou... *[Animada.]* Ah, Deus! Como ela está pagando! Chega a ser engraçado! Mal ele põe os pés em casa, começa: "Seus pais me enganaram! Fora da minha casa!" Mas pra onde ela iria? Os pais não a aceitariam de volta. Ela poderia se empregar como criada, mas não está habituada... E ele a maltrata até que o Conde intervenha. Se não fosse o Conde, ele já teria se livrado dela há muito tempo.

AVDÓTIA

— As vezes ele a tranca no porão e grita: "Come alho, sua isso, sua aquilo..." e ela come até a alma ficar cheirando a alho.

SACHA

— Papai, isso é mentira!

LIÉBEDEV

— E daí? Que falem. *[Grita.]* Gavrila! *[Gavrila traz água e vodca.]*

ZINAÍDA

— É por isso que ele está arruinado, o coitado. Seus negócios vão muito mal... Se não fosse o Micha, ele e a sua judia não teriam o que comer. *[Suspira.]* E nós é que sofremos as conseqüências minha querida. Só Deus sabe o que tivemos de suportar! Faz três anos que ele nos deve 9000 rublos!...

BABÁKINA *[espantada]*

— 9000?!

ZINAÍDA

— E, coisa do meu querido marido. Foi ele que emprestou. Ele não sabe distinguir a quem se pode e a quem não se pode emprestar dinheiro. Nem falo pelo empréstimo. Mas se pelo menos ele pagasse os juros.

SACHA *[vivamente]*

— Mamãe, você já disse isso mais de mil vezes.

ZINAÍDA

— O que você tem com isto? Por que o defende tanto?

SACHA *[levantando-se]*

— Mamãe, como você tem coragem de falar assim de uma pessoa que não te fez nada? O que ele te fez?

3º CONVIDADO

— Se me permitem duas palavrinhas! Eu gosto de Ivánov, sempre o respeitei... mas, *entre nous,* ele me parece ser um aventureiro.

SACHA

— Parabéns, pela sua opinião.

3º CONVIDADO

— Como prova, vou contar o que me disse seu *ataché,* isto é. seu cicerone. o Micha: há dois anos, durante uma epidemia, Ivánov comprou algumas cabeças de gado e colocou no seguro...

ZINAÍDA

— Claro, claro! Eu me lembro dessa história. Já me contaram.

3º CONVIDADO

— Ele colocou o rebanho no seguro, e depois o contaminou para receber o dinheiro.

SACHA

— Que absurdo! Ninguém comprou rebanho nenhum, nem contaminou nada! Foi o próprio Micha que planejou isso e ficou se gabando por aí! Quando Ivánov descobriu, passou duas semanas sem falar com ele. Ivánov só tem culpa de ser fraco e não ter coragem de mandar Micha embora. E também porque confia demais nas pessoas. Ele tem sido roubado e todos só querem se aproveitar dos projetos dele.

LIÉBEDEV

— Calma, Sacha! Deixe pra lá!

SACHA

— Por que falam tanta bobagem? Ah. que tédio! Ivánov, Ivánov... Não tem outro assunto. *[Vai à porta e volta.]* Eu fico abismada. Literalmente abismada com a paciência de vocês! Vocês não se cansam de ficar sentados? Até o ar está parado de tanto tédio! Façam alguma coisa para divertir as moças, mexam-se! Vocês não têm outro assunto a não ser Ivánov! Vão cantar, dançar, rir, sei lá!

LIÉBEDEV *[rindo]*

— Isso! Acabe com eles.

SACHA

— Se vocês não querem dançar. nem rir, nem cantar, então eu imploro, suplico, pelo menos uma

vez na vida, só para experimentar, reunam suas forças e inventem alguma coisa espirituosa, brilhante! Pode ser ousada e até mesmo vulgar, mas tem que ser engraçada e nova! Pode ser uma coisinha à-toa, mas que seja interessante, para que as moças possam olhar para vocês e dizer ah! Se vocês querem agradar, por que não fazem nada pra isso? As moscas morrem e as lamparinas apagam só de olhar pra vocês. E... Tem alguma coisa errada com vocês... Já disse isso mil vezes e vou continuar dizendo... Tem alguma coisa errada com vocês todos... errada... errada...

CENA IV

OS MESMOS, CHABÉLSKI E IVÁNOV

CHABÉLSKI *[entrando]*

— Quem é que está declamando aqui? É você, Sacha? *[Ele ri e lhe aperta a mão.]* Feliz aniversário, meu anjo, e que Deus só a leve muito tarde e não a deixe nascer uma segunda vez.

ZINAÍDA *[com alegria]*

— Nikolai Alekséievitch, Conde!

LIÉBEDEV

— Quem eu estou vendo? E o Conde mesmo!

CHABÉLSKI *[vendo Zinaída e Babákina, estende os braços]*

— Duas caixas registradoras no mesmo sofá! Dá gosto ver! *[Aproxima-se para cumprimentá-las.]* Boa-noite, Zinaída! Boa-noite, pomponzinho!

ZINAÍDA

— Estou tão contente! O senhor raramente vem nos ver, Conde. [Grita.] Gavrila, chá! Sente, por favor. *[Ela levanta, sai e volta. Parece preocupada. Sacha volta ao seu lugar; Ivánov cumprimenta a todos sem dizer nada.]*

LIÉBEDEV *[a Chabélski]*

— De onde você surgiu? Como veio parar aqui? Que surpresa! *[Beijam-se.]* Seu bandido! Isso não se faz. *[Pega o Conde pela mão e o leva até a escada.]* Por que você não veio mais nos ver? Está zangado?

CHABÉLSKI

— Como você quer que eu venha? Montado na bengala? Eu não tenho mais cavalos e Nikolai se recusa a me trazer. Ele quer que eu faça companhia a Sara para ela não se entediar. E só mandar os cavalos que eu venho.

LIÉBEDEV *[gesto expressivo]*

— O quê?... Zinaída prefere morrer a emprestar os cavalos. Meu velho, meu amigo, você é o meu melhor amigo! Só nós dois sobramos. "Eu amo em você os sofrimentos passados e a minha juventude perdida." Sem brincadeira, estou quase chorando. *[Beija o Conde.]*

CHABÉLSKI

— Chega! Chega! Que bafo! Uma destilaria!

LIÉBEDEV

— Como sinto falta dos meus amigos! Desde que Zinaída virou agiota, espantou todas as pessoas decentes. Ninguém vem mais aqui. Só esses, não sei lá quem, não se sabe de onde vêm!... Mas tome uma xícara de chá... *[Gavrila traz o chá.]*

ZINAÍDA *[preocupada, a Gavrila]*

— Isso é maneira de servir o chá? Traga uma geléia de groselha.

CHABÉLSKI *[rindo para Ivánov]*

— Eu não disse? *[A Liébedev]* No caminho apostei que, assim que chegássemos, Zinaída ia oferecer geléia de groselha.

ZINAÍDA

— Sempre brincalhão, Conde... *[Ela se senta.]*

LIÉBEDEV

— Ela fez vinte tonéis de geléia de groselha e agora onde vai enfiar.

CHABÉLSKI *[sentado perto da mesa]*

— Continua economizando dinheiro? Já chegou a um milhãozinho?

ZINAÍDA *[suspirando]*

— É... Nós estamos milionários, mas onde está o dinheiro?

CHABÉLSKI

— Claro, claro... Quem não sabe a fortuna que você perde no jogo de damas... *[A Liébedev.]* Pável, confesse que você já poupou um milhão.

LIÉBEDEV

— Eu não sei. É melhor perguntar a Zinaída.

CHABÉLSKI *[a Babákina]*

— E o meu pompom gorduchinho, também já tem o seu milhãozinho? Engordou e embelezou a olhos vistos! É sinal de muito dinheiro.

BABÁKINA

— Muito obrigada, excelência, mas eu não gosto de brincadeira.

CHABÉLSKI

— Que brincadeira meu cofrinho? E só a expressão incontrolável da minha paixão. Eu amo vocês duas. *[Brincando.]* Êxtase e encantamento! Eu não consigo olhar pra vocês duas e ficar indiferente!

ZINAÍDA

— O Conde continua o mesmo! Gavrila! Apague essas velas! Por que estão acesas se ninguém está jogando? *[Ela apaga as Velas e se senta.]* Como vai sua mulher, Nikolai?

IVÁNOV

— Mal. Hoje o Doutor disse que ela está mesmo tuberculosa.

ZINAÍDA

— É mesmo? Que pena!... *[Suspira.]* Nós gostamos tanto dela...

CHABÉLSKI

— Bobagem! Que tuberculose, que nada! O nosso charlatão inventou essa tuberculose só pra ficar por perto. Ainda bem que o marido não é ciumento. *[Ivánov faz um gesto de impaciência.]* Mesmo em Sara eu não acredito, nem no que ela diz, nem no que ela faz. Aliás em toda minha vida nunca acreditei em médicos, advogados e mulheres. Bobagens e charlatanismo!

LIÉBEDEV

—Você é estranho! Fica aí com esse ar de Misantropo, mas é igual a todo mundo. Basta abrir a boca e não pára mais. Parece bronquite crônica.

CHABÉLSKI

— Você quer que eu troque beijinhos com esses canalhas, esses vigaristas?

LIÉBEDEV

— E onde estão esses canalhas e vigaristas?

CHABÉLSKI

— Claro, eu não estou falando dos presentes, mas...

LIÉBEDEV

— Então de quem?... Tudo isso é fingimento.

CHABÉLSKI

— Fingimento... É bom saber que você não tem mais princípios.

LIÉBEDEV

— Que princípios? Eu estou aqui sentado esperando a morte. Esse é o meu princípio. Não temos mais tempo, meu irmão, para pensar em princípios. Só no fim... *[Grita.]* Gavrila!

CHABÉLSKI

— Você já está bastante gavrilado. O seu nariz, já está reluzindo!

LIÉBEDEV *[bebe]*

— Não faz mal. Não vou me casar.

ZINAÍDA

— Há muito tempo que o Dr. Lvov não vem nos visitar. Ele se esqueceu de nós.

SACHA

— Que antipatia! "A honestidade ambulante!" Ele não consegue pedir um copo d'água, nem acender um cigarro sem demonstrar a sua extraordinária honestidade. Na testa dele está sempre escrito: "Eu sou um homem honesto!". É insuportável!

CHABÉLSKI

— Um médico direito e estreito. *[Imitando Lvov.]* "Vai passar um trabalhador honesto." Ele grita aos quatro ventos como um papagaio e se considera um segundo Dobroliúbov[6]. Quem não grita como ele é um patife. Tem opiniões de uma profundidade espantosa. Se um mujique vive bem é um oportunista. Se eu tenho um casaco de veludo e um camareiro pra me vestir, sou um escravagista. Ele é tão honesto, tão honesto, que vai arrebentar de tanta honestidade. Parece uma alma penada. Dá medo. Movido pelo senso de dever ele pode te dar um murro ou te jogar na cara um patife!

IVÁNOV

— Ele me cansa, mas gosto dele. E muito sincero.

CHABÉLSKI

— Bela sinceridade! Ontem à noite, ele chegou perto de mim e disse, sem mais nem menos: "Conde, eu definitivamente não gosto do senhor!". Muito obrigado! E não com essa simplicidade... mas com veemência: a voz embargada, o olhar brilhando, o corpo tremendo. Que o diabo carregue essa sinceridade! Eu sei o que sou, mas por que me dizer na cara? Eu sou imprestável, mas tenho cabelos brancos... A honestidade dele é mesquinha e sem piedade!

LIÉBEDEV

— Tá, tá, mas você já foi jovem... deve entender.

CHABÉLSKI

— E, eu já fui jovem e bobo, já banquei o Tchatski[7], desmascarava os canalhas e os vigaristas, mas nunca disse na cara de um ladrão que ele era ladrão. Nem falei de corda em casa de enforcado. Eu sempre fui educado. Agora esse doutorzinho estúpido adoraria me esbofetear na frente de todo mundo em nome dos princípios e ideais humanitários.

LIÉBEDEV

— Todos os jovens são assim. Eu tinha um tio hegeliano... enchia a casa de gente... e quando bebia, subia numa cadeira e dizia: "Vocês são uns ignorantes! Forças obscuras, aurora de uma nova vida!" E pa-ta-ti, pa-ta-tá e tome de sermão.

SACHA

— E os convidados? Diziam o quê?

LIÉBEDEV

— Nem ligavam... Escutavam e continuavam a beber. Uma vez, eu desafiei o meu tio para um duelo. Foi a propósito de Bacon. Se eu me lembro bem, eu estava sentado assim como Matvei, e

[6] Nikolai Aleksándrovitch Dobroliúbov (1836-1861), Crítico e poeta russo de tendência progressista.

[7] Personagem da peça A *Desgraça de Ser Inteligente*, do poeta e dramaturgo russo A. S. Griboiédov (1795-1829).

o meu tio em pé com o falecido Nilitch, ali no lugar de Nikolai... E então Nilitch fez uma pergunta... *[Entra Bórkin.]*

CENA V

OS MESMOS E BÓRKIN

[BÓRKIN ENTRA COM UM PACOTE NA MÃO, VESTIDO COMO UM DANDY, PULANDO E CANTANDO PARA AS MOCINHAS.]

AS MOÇAS

— Mikhail Mikháilovitch!

LIÉBEDEV

— Micha! Michel!

CHABÉLSKI

— A alma da festa.

BÓRKIN

— Cheguei! *[Aproxima-se de Sacha.]* Nobre senhorita, eu tomo a liberdade de parabenizar o universo pelo aniversário de uma flor tão maravilhosa. Como prova de minha admiração, atrevo-me a oferecer esses fogos de artifício preparados por mim mesmo. Que eles iluminem a noite como a senhorita ilumina as trevas do rei no das sombras. *[Entrega o pacote e cumprimenta teatralmente.]*

SACHA

— Muito obrigada...

LIÉBEDEV *[para Ivánov rindo]*

— Por que você não expulsa esse Judas daqui?

BÓRKIN [a *Liébedev]*

— Pável Kiríltch Liébedev *[A Ivánov]* Patrão. *[Canta.] Voilà* Nikolai, ai, ai, ai. Honradíssima Zinaída Sávichna... Divina Marfa Iegórovna Babákina... Venerável Avdótia Nazarórvna... Excelentíssimo Conde!...

CHABÉLSKI *[rindo]*

— É o espírito da festa... Mal ele chegou e o ambiente ficou mais leve. Repararam?

BÓRKIN

— Uf, eu estou exausto! Acho que cumprimentei todo mundo. Então, o que há de novo senhores? Nada de especial, de arrasador? *[Com vivacidade, para Zinaída.]* Ah, mãezinha... Quando eu estava vindo pra cá... *[A Gavrila.]* Uma xícara de chá, Gavrila, mas sem geléia de

groselha, por favor. Quando eu estava vindo pra cá, vi uns mujiques perto do rio derrubando as suas árvores. Por que você não arrenda seu bosque?

LIÉBEDEV *[para Ivánov]*

— Por que você não expulsa esse Judas?

ZINAÍDA *[assustando-se]*

— É mesmo, eu não tinha pensado nisso.

BÓRKIN [*fazendo ginástica com os braços]*

— Eu não consigo ficar quieto. Nós podíamos fazer alguma coisa diferente. Marfa, estou pegando fogo. *[Canta.]* "Eu estou de novo em frente a ti..."

ZINAÍDA

— Invente qualquer coisa, todo mundo está desanimado.

BÓRKIN

— E mesmo. Senhores por que vocês estão aí sentados como um júri de tribunal. Vamos fazer qualquer coisa! O que vocês preferem: jogo de prendas, cama-de-gato, pega-pega, dançar ou soltar fogos de artifício?

AS MOÇAS

— Fogos de artifício, fogos de artifício! *[Correm para o jardim.]*

SACHA

— Por que você está tão triste?

IVÁNOV

— Estou com dor de cabeça, um pouco chateado...

SACHA

— Vamos para a sala de estar. *[Saem. Os outros foram para o jardim, menos Zinaída e Liébedev.]*

ZINAÍDA

— Esse sim tem um espírito jovem. Mal chegou e já deixou todo mundo alegre! *[Apaga a lamparina grande.]* Se estão todos no jardim, por que deixar as velas queimando *à* toa. *[Apaga as velas.]*

LIÉBEDEV

— Zinaída! Você precisa servir alguma coisa para os convidados...

ZINAÍDA

— Quantas velas! Não é *à* toa que acham que nós somos ricos! *[Apaga mais.]*

LIÉBEDEV *[seguindo-a]*

— Zinaída! Sirva alguma coisa para eles comerem. Eles são jovens, devem estar com fome, coitados.

ZINAÍDA

— O Conde deixou chá na xícara! Quanto açúcar desperdiçado! *[Sai.]*

LIÉBEDEV *[cheio]*

— Puf! *[Vai para o jardim.]*

CENA VI

SACHA E IVÁNOV

SACHA *[entrando]*

— Foram todos para o jardim.

IVÁNOV

— Como eu ia dizendo, Sacha, antigamente eu trabalhava muito, pensava muito e nunca ficava cansado. Agora não faço nada, não penso em nada e estou exausto, de corpo e alma. Dia e noite me dói a consciência e me sinto profundamente culpado... Mas não chego a compreender por quê. Além disso a doença da minha mulher, a falta de dinheiro, as conversas inúteis, as intrigas, as fofocas, esse imbecil do Micha... Minha casa ficou insuportável e viver pra mim é uma tortura. Francamente, Sacha, eu não agüento nem a companhia da minha mulher que me ama. Somos amigos há muito tempo, espero que você não se zangue com a minha sinceridade. Venho aqui pra me distrair, mas também me entedio tanto que só penso em voltar pra casa. Desculpe, eu vou sair sem me despedir.

SACHA

— Eu te entendo, Nikolai... Você está infeliz porque está sozinho. Você precisa de alguém ao seu lado. Que você ame e que te compreenda. Só o amor pode te fazer renascer.

IVÁNOV

— Era só o que faltava, Sacha! Um velho trapo como eu, envolvido num romance. Deus me livre de uma desgraça dessas! Não, minha menina inteligente, nada de romance. Juro por Deus! Eu posso agüentar tudo: melancolia, angústia, ruína, a perda da minha mulher, a velhice prematura, a solidão. Mas não suportaria me sentir ridículo. Morro de vergonha só em pensar que um homem forte e saudável como eu possa se transformar em um Hamlet ou em alguém completamente inútil. Há infelizes que se orgulham disso. Pra mim é uma vergonha. Isso me deixa deprimido e eu sofro.

SACHA *[rindo entre lágrimas]*

— Vamos fugir para a América, Nikolai.

IVÁNOV

— Eu não tenho coragem de sair por aquela porta e você me fala da América. *[Vão para a porta do jardim.]* Deve ser difícil pra você viver aqui. Quando eu vejo as pessoas em volta, me assusto. Com quem você poderia se casar? A única esperança é você ser raptada por um tenente que esteja de passagem ou por um estudante.

CENA VII

SACHA, IVÁNOV E ZINAÍDA

[ENTRA ZINAÍDA COM UM POTE DE GELÉIA.]

IVÁNOV

— Desculpe, Sacha. Eu já volto. *[Vai ao encontro de Zinaída. Sacha sai para o jardim.]* Eu queria pedir um favor Zinaída Sávichna...

ZINAÍDA

— O que é Nikolai Alekséievitch?

IVÁNOV *[hesitando]*

— Bom... é que... os juros do meu empréstimo vencem depois de amanhã. Seria um grande favor se você me desse um prazo maior ou se incluísse os juros na dívida. Estou sem dinheiro agora.

ZINAÍDA *[assustada]*

— O quê? Nem me fale nisso! Pelo amor de Deus!

IVÁNOV

— Desculpe, desculpe... *[Sai para o jardim.]*

ZINAÍDA

— Meu Deus, que susto! Estou tremendo!... Estou tremendo!... *[Sai.]*

CENA VIII

KOSSÍKH

KOSSÍKH *[atravessando a cena]*

— Eu tinha o ás, o rei, a dama e oito cartas seguidas de ouro, o ás de espadas e só uma... só uma carta baixa de copas e a desgraçada foi incapaz de pedir um pequeno *slan. [Sai.]*

CENA IX

AVDÓTIA E O 1º CONVIDADO

AVDÓTIA *[vindo do jardim]*

— Eu quero cortar essa miserável em pedacinhos! Estou aqui desde as 5 horas e ela não me ofereceu nem um pedaço de arenque. Que casa! Que gente!

1º CONVIDADO

— Que chatice! Só dando com a cabeça na parede! Que gente! Estou uivando de fome e de tédio e vou acabar mordendo alguém.

AVDÓTIA

— Eu vou cortar essa miserável em pedacinhos. Que Deus me perdoe.

1º CONVIDADO

— Eu vou beber um trago e até logo. Não preciso das suas noivinhas. Não dá para falar de amor quando se está em jejum desde o almoço.

AVDÓTIA

— Venha comigo! Vamos procurar alguma coisa...

1º CONVIDADO

— Psiu... Em silêncio! Deve ter alguma bebida no console da sala de jantar. Vamos pedir a Iegóruchka para dar uma mãozinha... Psiu!... *[Saem.]*

CENA X

ANNA E LVOV

[Entrando.]

ANNA

— Não, eles vão ficar contentes em nos ver. Não tem ninguém. Devem estar no jardim.

LVOV

— Eu me pergunto por que a senhora me trouxe na casa desses abutres! Não há lugar para nós aqui!

ANNA

— Escute, senhor honesto! Não é muito gentil acompanhar uma senhora e passar o tempo todo apenas falando da própria honestidade. Talvez o senhor seja honesto, mas é desagradável. Nunca fale de suas virtudes para as mulheres. Deixe que elas descubram sozinhas. Na sua idade, meu Nikolai quando estava com as mulheres vivia cantando e contando piadas e elas sabiam o homem que ele era.

LVOV

— Não me fale do seu Nikolai, eu sei muito bem quem ele é.

ANNA

— Você é uma boa pessoa, mas não entende nada. Vamos para o jardim. Nunca ele dizia: "Eu sou um homem honesto! Este lugar me sufoca. Abutres! Ninho de corujas! Crocodilos!" Ele deixava o Zoológico em paz e quando se indignava, só dizia: "Como fui injusto hoje. Anniouta, esse homem me dá pena!" Ele era assim. Enquanto você... *[Saem.]*

CENA XI

AVDÓTIA E O 1º CONVIDADO

1º CONVIDADO

— Na sala de jantar não tem nada. Vamos tentar a despensa. É preciso espremer o Iegóruchka. Vamos para o sala de visitas.

AVDÓTIA

— Ah! Eu queria estraçalhar essa miserável!

CENA XII

BABÁKINA, BÓRKIN E CHABÉLSKI

[BABÁKINA E BÓRKIN ENTRAM CORRENDO DO JARDIM, CHABÉLSKI VEM ATRÁS ESFREGANDO AS MÃOS.]

BABÁKINA

— Que tédio! *[Gargalha.]* Que tédio! Parece que todo mundo engoliu um cabo de guarda-chuva. Estou morrendo de tédio. *[Pulando.]* Eu preciso me esticar. *[Bórkin a pega pela cintura e beija-lhe o rosto.]*

CHABÉLSKI *[rindo e estalando os dedos]*

— Que diabo! Bem! Quer dizer...

BABÁKINA

— Tire a mão, tire a mão seu sem-vergonha, o que o Conde vai pensar? Me deixe em paz!

BÓRKIN

— Meu anjo, jóia da minha alma. LA *beija.]* Me empreste 2300 rublos!

BABÁKINA

— N-n-ão. Tudo o que você quiser, mas dinheiro, não. Não, não! Tire a mão.

CHABÉLSKI *[em volta dela]*

— Meu pomponzinho...

BÓRKIN *[sério]*

— Bom, chega! Vamos falar de negócios! Em termos comerciais! Com franqueza, sem rodeios... Sim ou não? Olhe... *[Aponta o Conde.]* Ele precisa de dinheiro, pelo menos uma renda de 3000 rublos anuais. Você precisa de um marido. Não quer ser Condessa?

CHABÉLSKI *[rindo]*

— Que cinismo extraordinário!

BÓRKIN

— Quer ser Condessa ou não?

BABÁKINA *[emocionada]*

—Você tem cada uma, Micha. Não se trata desses assuntos assim. Se o Conde quiser, pode falar por si mesmo, mas assim, de repente, eu não sei...

BÓRKIN

— Vamos, vamos! Por que complicar as coisas? É um assunto comercial... Sim ou não?

CHABÉLSKI *[rindo e esfregando as mãos]*

— Que tal? Vamos fazer uma loucura, meu pomponzinho? *[Beija Babákina.]* Meu encanto!

BABÁKINA

— Um momento, um momento, vocês estão me deixando confusa... Saiam, saiam! Não, não. Fiquem.

BÓRKIN

— Depressa! Sim ou não? Não temos tempo a perder.

BABÁKINA

— Conde, vá passar uns dias na minha casa... Lá é divertido, não é como aqui... Vá amanhã... *[A Bórkin.]* Isso não é uma brincadeira é?

BÓRKIN

— Não se brinca com coisas tão sérias!

BABÁKINA

— Esperem, esperem! Estou me sentindo mal! Condessa... Estou me sentindo mal... Vou desmaiar... *[Bórkin e Chabélski a tomam nos braços, a beijam e a levam para fora.]*

CENA XIII

IVÁNOV, SACHA E ANNA

IVÁNOV *[segura a cabeça com desespero]*

— Não é possível! Não, não, Sacha, não!

SACHA *[exaltada]*

— Eu te amo loucamente... Sem você a minha vida não tem sentido, não existe felicidade, nem alegria. Você é tudo pra mim...

IVÁNOV

— Por quê, por quê? Meu Deus! Eu não entendo mais nada, Sacha, mais nada!...

SACHA

— Você foi a única alegria da minha infância, eu te amava como a mim mesma e agora... Eu te amo ... Com você eu iria ao fim do mundo, para onde você quisesse, até para morte, mas pelo amor de Deus, rápido se não eu sufoco.

IVÁNOV *[num riso feliz]*

— O que você quer dizer? Recomeçar a vida? É isso, Sacha? Minha felicidade... *[Joga-se pra ela.]* Minha juventude, minha inocência... *[Atina entra, vê e pára.]*

IVÁNOV

— Eu posso viver? É isso? Recomeçar? [Um *beijo, depois vêem Atina. Assustado.]* Sara?

TERCEIRO ATO

CENA 1

CHABÉLSKI, LIÉBEDEV, BÓRKIN E PIÓTR

(GABINETE DE TRABALHO DE IVÁNOV SOBRE A ESCRIVANINHA, PAPÉIS EM DESORDEM, LIVROS, DOSSIÊS ADMINISTRATIVOS, BIBELÔS, REVÓLVERES. ENTRE OS PAPÉIS, UMA LAMPARINA, UMA GARRAFA DE VODCA, UM POTE DE ARENQUE E PEDAÇOS DE PÃO E PEPINO EM CONSERVA. NAS PAREDES, MAPAS, QUADROS, FUZIS, FOICES, CHICOTES, PISTOLAS. MEIO-DIA.)

[CHABÉLSKI E LIÉBEDEV ESTÃO SENTADOS NOS DOIS LADOS DA ESCRIVANINHA. BÓRKIN, NO CENTRO DA CENA, ESTÁ AFUNDADO NUMA POLTRONA. PIÓTR ESTÁ EM PÉ PERTO DA PORTA.]

LIÉBEDEV

— A França tem uma política clara e definida... os franceses sabem o que querem: Fazer picadinho daqueles chucrutes. Já a Alemanha, além da França, tem outras pedras no sapato.

CHABÉLSKI

— Besteiras! Pra mim, os alemães são tão covardes como os franceses... Se ameaçam de braços cruzados, não passa disso. Ninguém vai lutar

BÓRKIN

— E lutar pra quê? Para que todos esses armamentos, conferências e gastos? Sabe o que eu faria? Juntaria todos os cães do país, injetaria o vírus da raiva e os soltaria no território inimigo. Em um mês, todos os inimigos teriam contraído raiva.

LIÉBEDEV *[rindo]*

— A cabeça dele é pequena, mas tem tantas idéias como peixes no mar.

CHABÉLSKI

— E um virtuose!

LIÉBEDEV

—Você nos diverte, Micha! *[Pára de rir]* Bem, senhores, nós ficamos falando de política e esquecemos da vodca. *Repetatur! [Enche três pequenos copos.]* À nossa! *[Bebe* az *e comem.]* O

arenque é o petisco dos petiscos.

CHABÉLSKI

— Ah, não, o pepino é melhor... Desde a criação do mundo, os sábios pensam e não encontraram nada mais inteligente que pepino em conserva. Piótr, traga mais pepinos e mande fritar uns pasteizinhos de cebola, mas que estejam bem quentes. [Piótr *sai.]*

LIÉBEDEV

— A vodca combina também com caviar. Mas é preciso saber preparar... Você pega um quarto de caviar, duas cebolas, azeite, mistura tudo e por cima um limãozinho. É a morte! Só o aroma enlouquece!

BÓRKIN

— Peixinho frito também é uma delícia depois da vodca. Mas tem que saber fritar. Tem que limpar, empanar e fritar até ficar bem seco e estalar. *Crou, crou, crou.*

CHABÉLSKI

— Ontem na casa da Babákina, ela serviu um petisco delicioso: cogumelos...

LIÉBEDEV

— Hum...

CHABÉLSKI

— Só que preparado de um jeito especial: com cebola, louro e vários temperos. Quando destaparam a panela, que aroma maravilhoso!

LIÉBEDEV

— Então? *Repetatur*, senhores! *[Eles bebem.]* À nossa!... *[Olha o seu relógio.]* Acho que não vou poder esperar Nikolai. Já está na hora! Então, serviram cogumelos na casa de Babákina? Lá em casa, ainda não vimos. Mas, o que você vai fazer todo dia na casa de Babákina?

CHABÉLSKI *[mostrando Bórkin]*

— Ele quer me casar com ela.

LIÉBEDEV

— Casar? Quantos anos você tem?

CHABÉLSKI

— Sessenta e dois

LIÉBEDEV

— Está mesmo na hora de casar. E Babákina é um ótimo par pra você.

BÓRKIN

— Não se trata de Babákina, mas das libras Babákinas.

LIÉBEDEV

— Ah, é? Libras Babákinas. E mamar na vaca,

você não quer?

BÓRKIN

— Quando ele casar e encher os bolsos, aí vocês vão ver o que e mamar na vaca. Vocês vão ficar babando.

CHABÉLSKI

— Ele está falando sério. Esse gênio tem certeza que vou fazer o que ele quer e me casar com ela.

BÓRKIN

— Mas claro! E você ainda não está convencido?

CHABÉLSKI

— Você está louco... Desde quando eu estive convencido?

BÓRKIN

— Obrigado, muito obrigado! Então você vai me aprontar essa? "Ora, me caso, ora, não me caso!" Que diabo, já dei a minha palavra! Então você não vai se casar.

CHABÉLSKI *[encolhendo os ombros]*

— Ele está falando sério... Que raio de homem!

BÓRKIN *[indignado]*

— Nesse caso, por que magoar uma mulher honesta? Ela enlouqueceu com a possibilidade de virar Condessa. Não come, não dorme mais!... Isso é uma brincadeira? Será que isso é honesto?

CHABÉLSKI *[estalando os dedos]*

— E se eu fizer mesmo essa baixeza? Hein? Só por desaforo? Eu vou fazer, palavra de honra! Aí é que vai ser engraçado. *[Entra Lvov.]*

CENA II

OS MESMOS E LVOV

LIÉBEDEV

— Esculápio, nossos mais profundos respeitos... *[Ele pega a mão de Lvov e canta.]* "Me salve, doutorzinho, eu morro de medo de morrer..."

LVOV

— Nikolai Alekséievitch ainda não voltou?

LIÉBEDEV

— Não, eu já estou esperando há mais de uma hora. *[Lvov anda pelo palco.]* Então, como está Anna?

LVOV

— Mal.

LIÉBEDEV *[suspirando]*

— Posso cumprimentá-la?

LVOV

— Não, por favor, não vá. Acho que ela está dormindo... *[Tempo.]*

LIÉBEDEV

— Ela é simpática, gentil. *[Suspira.]* Quando desmaiou lá em casa, no aniversário de Sacha, olhei para ela e vi que não ia viver muito. Eu não entendo por que ela passou mal aquele dia! Quando cheguei, ela estava caída no chão, muito pálida. Nikolai, de joelhos, ao seu lado, muito pálido também, e Sacha aos prantos. Sacha e eu passamos o resto da semana abalados.

CHABÉLSKI *[a Lvov]*

— Venerável servidor da ciência, diga, que grande cientista descobriu que o remédio para curar o pulmão de uma senhora é a visita de um médico jovem? E uma grande descoberta! Da alopatia ou da homeopatia? *[Lvov quer respondei; mas faz um gesto de desprezo e sai.]* Que olhar fulminante!

LIÉBEDEV

— E por que você tinha que soltar essa língua? Por que o ofendeu?

CHABÉLSKI *[irritado]*

— E por que ele mente? "Tuberculose, sem esperanças, ela vai morrer..." Ele mente! Eu não posso suportar isso!

LIÉBEDEV

— Como você sabe que ele mente?

CHABÉLSKI *[levanta e anda]*

— Eu não posso aceitar a idéia

de que um ser humano possa morrer de repente. Vamos mudar de assunto.

CENA III

OS MESMOS E KOSSÍKH

[KOSSÍKH ENTRA ESBAFORIDO.]

KOSSÍKH

— Nikolai Alekséievitch está? Bom-dia! *[Aperta mão de todos.]* Ele está?

BÓRKIN

— Não.

KOSSÍKH *[senta e levanta logo]*

— Então, adeus. *[Ele bebe um copo de vodca e engole alguma coisa.]* Estou indo... negócios... estou exausto! Mal me agüento nas pernas.

LIÉBEDEV

— De onde você vem assim?

KOSSÍKH

— Da casa de Barabánov. Carteamos a noite toda, até agora. Esse Barabanov joga como um sapateiro. *[Se lamentando.]* Imaginem: eu sai o tempo todo em copas. *[Vira-se para Bórkin que levanta rápido.]* Ele ia de ouros, eu copas, ele ouros... E nós não fizemos nenhuma vaza. *[À Liébedev.* Nós pedimos quatro paus. Eu tinha o ás e a dama protegida e mais o ás e o dez de espadas...

LIÉBEDEV *[tapando os ouvidos]*

— Chega, chega, pelo amor de Deus! Chega!

KOSSÍKH *[ao Conde]*

— Imagine!... O ás e a dama de paus e o ás e o dez de espadas.

CHABÉLSKI *[o rechaçando]*

— Vá embora! Eu não quero escutar!

KOSSÍKH

— E de repente a catástrofe! Cortam o ás de espadas.

CHABÉLSKI *[pegando uma arma da mesa]*

— Saia ou vou atirar.

KOSSÍKH *[gesto de despeito]*

— Ah, meu Deus! Não se pode falar com ninguém? Parece que estamos na Austrália. Não existem interesses comuns, nem solidariedade... Cada um por si... Enfim, eu preciso ir... Já está na hora. *[Ele pega seu gorro.]* Tempo é dinheiro... *[Dá a mão para Liébedev]* Passo. *[Risos. Kossíkh sai pela porta pela qual entra Avdótia.]*

CENA IV

LIÉBEDEV, CHABÉLSKI, BÓRKIN E AVDÓTIA

AVDÓTIA *[gritando]*

— Que o diabo te carregue! Quase me derrubou!

TODOS

— Ah! Ah! Ah!... A onipresente!...

AVDÓTIA

— Vocês estão aí? E eu procurando pela casa toda. Bom-dia, meus falcões.

LIÉBEDEV

— O que você veio fazer aqui?

AVDÓTIA

— Negócios, paizinho. *[Ao Conde.]* Um negócio do seu interesse, Excelência! *[Faz uma reverência.]* Mandaram saber notícias. A minha bonequinha também me encarregou de dizer que se o senhor não vier esta noite, ela vai se desmanchar em lágrimas. Ela disse:

"cochiche com ele em segredo". Mas por que em segredo? Aqui são todos de casa. Ninguém é ladrão de galinha e estamos de comum acordo. Tudo em nome do amor. Deus sabe que nunca bebo, mas numa ocasião como essa, vou beber.

LIÉBEDEV

— Eu acompanho. *[Ele serve.]* E você, sua carroça velha, não muda. Há trinta anos, eu conheço você assim velha.

AVDÓTIA

— Já perdi a conta dos anos. Enterrei dois maridos e me casaria uma terceira vez, mas sem dote ninguém me quer. Eu tive oito filhos. *[Bebe.]* Esse é um bom negócio, que se Deus quiser, nós vamos fechar. Eles vão ser felizes pra sempre e nós vamos comemorar. Um brinde a eles e ao amor! *[Bebe.]* Forte essa vodca!

CHABÉLSKI *[gargalhando]*

— O mais engraçado é que eles levaram a sério que eu... E inacreditável! *[Se levanta.]* E se eu acabasse fazendo essa baixeza? Só por desaforo... Hein, velho cachorrão? Diga lá!

LIÉBEDEV

— E tudo bobagem, Conde. Você e eu só temos que esperar a morte. As Babákinas, com o seu dinheiro, não são mais para o nosso bico. Nosso tempo já passou.

CHABÉLSKI

— Nada disso! Eu vou dar um jeito, palavra que vou.

CENA V

OS MESMOS, LVOV E IVÁNOV

[ENTRAM IVÁNOV E LVOV]

LVOV

— Você pode me dar cinco minutos?

LIÉBEDEV *[beija Ivánov]*

— Bom-dia, meu velho... Já estou te esperando há uma hora...

AVDÓTIA [numa *reverência]*

— Bom-dia, paizinho.

IVÁNOV *[amargo]*

— Vocês montaram uma taverna no meu escritório de novo! Eu já pedi pra vocês mais de mil vezes... *[Vai até a mesa.]* Vodca derramada nos papéis... migalhas... pepino... é nojento!

LIÉBEDEV

— Desculpe, Nikolai, desculpe. E que eu precisava falar com você um assunto muito sério.

BÓRKIN

— Eu também.

LVOV

— Nikolai Alekséievitch, eu posso falar com você?

IVÁNOV *[apontando Liébedev]*

— Primeiro ele. Esperem um pouco. O que é?

LIÉBEDEV

— É particular... Por favor... *[Saem o Conde, Avdótia, Bórkin e Lvov.]*

IVÁNOV

— Pavel, você pode beber o quanto quiser, é a sua doença, mas não faça meu tio beber. Antes ele nunca bebia. Faz mal pra ele.

LIÉBEDEV *[assustado]*

— Eu não sabia, nem notei.

IVÁNOV

— Se esse meninão morrer, sou eu que vou sofrer, e não você... Mas o que você quer? *[Pausa.]*

LIÉBEDEV

— Eu não sei por onde começar pra que não seja tão vergonhoso. Nikolai, eu tenho vergonha, fico até vermelho, estou com a língua presa, mas se coloque no meu lugar, meu velho, e tente entender que eu sou um escravo, um farrapo! Desculpe!

IVÁNOV

— O quê foi?

LIÉBEDEV

— Foi minha mulher que me mandou. Você é meu amigo... Por favor, pague os juros! Ela me tortura, me maltrata, me atormenta! Livre-se dela, pelo amor de Deus!

IVÁNOV

— Pável, você sabe que estou sem dinheiro.

LIÉBEDEV

— Eu sei, eu sei, mas o que eu posso fazer? Ela não quer esperar. E se ela protestar a letra, como eu e Sacha vamos poder te olhar nos olhos?

IVÁNOV

— Eu também tenho vergonha, Pavel, eu preferia estar enterrado... Mas onde arranjar dinheiro? Me diga. Só me resta esperar pela venda do trigo no outono.

LIÉBEDEV *[gritando]*

— Mas ela não quer esperar! *[Pausa.]*

IVÁNOV

— Sua situação é difícil, delicada, mas a minha é pior. *[Anda pensando.]* Não tenho nada para vender.

LIÉBEDEV

— Por que você não procura Milbach?... Ele te deve 16000 rublos. *[Ivánov faz um gesto de desalento.]* Escute, Nikolai... eu sei que você vai se irritar... mas satisfaça um velho bêbado!... Por amizade. Eu e você fomos estudantes, liberais, mesmos ideais, mesmos interesses. Estudamos na Universidade de Moscou... Alma mater... *[Tira a carteira.]* Eu tenho algum escondido, mas ninguém sabe lá em casa, pegue. *[Tira o dinheiro e põe sobre a mesa.]* Deixe o orgulho de lado e considere nossa amizade. Palavra de honra que se fosse comigo, eu aceitaria. *[Pausa.]* Está aí 1100 rublos. Fale com ela hoje mesmo e entregue o dinheiro pessoalmente: "Tome, Zinaída, engula". Mas pelo amor de Deus, não deixe ela perceber que fui eu. Se não, vou passar a geléia de groselha! *[Olha para Ivánov.]* Tá bom, tá bom, não faz mal. *[Recolhe rápido o dinheiro.]* Eu não disse nada! Foi só uma brincadeira!... Desculpe, pelo amor de Deus. *[Pausa.]* Você está confuso, *[Ivánov agita o braço.]* É um momento difícil pra você, mas um homem é como um samovar, meu irmão, não é sempre que fica frio na prateleira... De vez em quando tem

que pôr carvão para esquentar... Pchtt... pchtt... Essa comparação não vale nada, mas não consigo inventar nada mais inteligente... *[Suspira.]* A desgraça fortalece a alma... No fim dá tudo certo... Eu não sinto pena de você, Nikolai, você vai sair dessa. O que me assusta são as pessoas. De onde vêm tantos mexericos? Falam tanto de você em toda a região, que um dia você vai receber a visita de um inspetor geral. Parece até que você é um assassino, um vampiro, um bandido...

IVÁNOV

— Isso não tem importância. Estou com dor de cabeça.

LIÉBEDEV

— Você pensa muito.

IVÁNOV

— Não penso nada.

LIÉBEDEV

— Deixe isso pra lá e venha à nossa casa. Sacha gosta de você, te compreende, te admira. É uma boa moça, honesta. Não parece nem com o pai, nem com a mãe. Quando olho pra ela, não acredito que um velho bêbado como eu possa ter um tesouro assim. Venha, vocês vão falar de coisas interessantes e você vai se distrair. E uma moça leal, sincera... *[Pausa.]*

IVÁNOV

— Pavel, meu velho, me deixe sozinho, por favor.

LIÉBEDEV

— Está bem, eu entendo. *[Olha o relógio rápido.]* Eu entendo *[Beija Ivánov.]* Adeus. Eu ainda tenho que assistir à benção de uma escola. *[Vai saindo mas pára.]* Que inteligência!... Ontem, falando desses mexericos, ela disse *[ele ri]:* "Papai, os vagalumes brilham no escuro para serem vistos e comidos pelos pássaros noturnos e as pessoas de bem existem para alimentar a calúnia e a maledicência". Que tal? Um gênio! Uma George Sand!

IVÁNOV

— Pavel *[Pára.]* O que eu tenho?

LIÉBEDEV

— Eu mesmo queria perguntar, mas confesso que tive vergonha. Eu não sei, meu velho. Por um lado, parece que você se deixou abater pela desgraça. Por outro, eu sei que você não é um desses que... Você não é homem de sucumbir. Há algo mais, mas o que... eu não compreendo.

IVÁNOV

— Nem eu mesmo compreendo. Eu acho que... não... *[Pausa.]* Eu tive um empregado chamado Semion, lembra dele? Um dia, durante a colheita, ele quis mostrar para as moças como era forte. Carregou dois sacos de trigo nas costas, mas se arrebentou inteiro. Dois dias depois estava morto. Eu acho que também estou arrebentado. O colégio, a universidade, a fazenda, as escolas,

os projetos... Eu acreditava em coisas diferentes. Meu casamento também foi diferente. Me entusiasmava, me arriscava, jogava dinheiro pela janela, como você sabe. Fui feliz e infeliz como ninguém na região. Esses são os sacos de trigo que coloquei nas minhas costas e a espinha quebrou. Aos vinte anos, todos somos heróis, podemos tudo, fazemos tudo e aos trinta estamos fatigados, não servimos pra nada. Como se explica esse cansaço? Aliás, talvez não seja isso! Não é isso. Vá, Pavel, eu devo estar aborrecendo você.

LIÉBEDEV *[vivamente]*

— Quer saber o que é? Você é vítima do seu meio.

IVÁNOV

— Isso é besteira e antigo. Vá.

LIÉBEDEV

— É besteira mesmo; agora também acho! Já vou. *[Sai.]*

CENA VI

IVÁNOV E LVOV

IVÁNOV

— Como sou miserável. Só um bêbado como Pável pode gostar de mim, me estimar. Como me desprezo, meu Deus! Como detesto minha voz, meus passos, minhas mãos, essas roupas, meus pensamentos. Há um ano eu era saudável e forte, vivo, incansável, apaixonado. Trabalhava com essas mãos e falava tão bem que chegava a comover até os mais indiferentes. Chorava diante da dor, me indignava com a maldade. Sentava na escrivaninha e, inspirado pelo encanto e pela poesia das noites calmas, trabalhava até o amanhecer ou apenas sonhava. Eu tinha fé e olhava para o futuro como se olhasse nos olhos da mãe. Mas agora, meu Deus! Vivo cansado, sem fé e passo meus dias na ociosidade. Meu cérebro, meus braços, minhas pernas não me obedecem mais. Minha propriedade vai falir, a floresta está sendo derrubada. *[Chora.]* Minha terra me olha como órfã. Eu não tenho mais esperanças, minha alma morre de medo do amanhã. E Sara, pra quem eu jurei amor eterno, prometi a felicidade e um futuro que ela nem sonhava! Nesses cinco anos, ela sucumbiu sob o peso dos seus sacrifícios, se consumiu na luta com a sua consciência, e Deus sabe, ela nunca teve um olhar de crítica, de recriminação. E eu não a amo mais... Como? Por quê? Eu não sei. Ela está sofrendo, seus dias estão contados e eu, como o último dos covardes, fujo do seu rosto pálido, do seu peito doente, dos seus olhos suplicantes... Que vergonha! Que vergonha! *[Pausa.]* E essa menina, Sacha, comovida com a minha desgraça, me fez uma declaração de amor. A mim quase um velho. E fico embriagado, me esqueço de tudo, como encantado por uma música, começo a gritar: "vida nova, felicidade!" E no dia seguinte não acredito mais nessa vida nova e nem nessa felicidade, O que há comigo? Que abismo é esse em que me joguei? De onde me vem essa fraqueza? O que houve com os meus nervos? Basta minha mulher me contrariar, um empregado me desagradar ou minha espingarda falhar, para eu ficar grosseiro, mal-humorado, perder o controle... *[Pausa.]* Eu não entendo, não entendo! Eu devia dar um tiro na cabeça.

LVOV *[entrando]*

— Nós precisamos ter uma conversa séria, Nikolai Alekséievitch.

IVÁNOV

— Doutor, se todo dia nós precisarmos ter uma conversa séria, nós não vamos agüentar.

LVOV

— Quer fazer o favor de me escutar?

IVÁNOV

— Eu o escuto todos os dias e ainda não entendi o que você quer de mim.

LVOV

— Eu falo com clareza e só um insensível, não entende.

IVÁNOV

— Que a minha mulher está morrendo, eu sei, que eu sou culpado disso de forma irremediável, também. Que você é honesto e franco, eu também sei! O que mais você quer?

LVOV

— A crueldade humana me revolta... Uma mulher vai morrer. Ela tem um pai e uma mãe que ela ama e gostaria de ver antes de morrer. Eles sabem muito bem que ela vai morrer logo e que ela sempre os amou, mas que crueldade!... Eles querem mostrar ao inundo a sua firmeza religiosa e continuam a amaldiçoá-la. Por você ela sacrificou tudo: a casa paterna e a paz de consciência. E todos os dias você vai à casa desses Liébedev com os propósitos mais evidentes.

IVÁNOV

— Há duas semanas eu não vou lá.

LVOV *[sem ouvir]*

— Com pessoas como você, é preciso falar direto, sem rodeios e se você não quiser, não precisa me escutar. Eu costumo chamar as coisas pelos seus nomes... Você precisa dessa morte por causa dos seus projetos, muito bem... mas será que você não pode esperar um pouco? Se você deixá-la morrer naturalmente, sem torturá-la com o seu cinismo, você acha que perderia a simpatia e o dote de Liébedev ? Dentro de um ou dois anos, um tartufo como você ainda pode virar a cabeça dessa menina e se apropriar do seu dote... Então, pra que tanta pressa? Por que você precisa que sua mulher morra logo e não dentro de um mês ou um ano?

IVÁNOV

— Que suplício! Você é um péssimo médico se acha que um homem pode se controlar sempre! Eu tenho que fazer um grande esforço para não responder aos seus insultos.

LVOV

— Basta, quem você quer fazer de bobo? Tire a máscara.

IVÁNOV

— Você é um homem inteligente, pense um pouco: pra você é simples me compreender, não é? Você acha que só casei com Anna pelo dote.. Como não me deram o dote, errei o alvo e agora estou matando minha mulher para pegar o dote da outra... não é? Como é simples! O homem tem um mecanismo tão simples, tão fácil! Não, doutor, cada um de nós não é feito de rodas,

parafusos e válvulas para que se possa julgar pela primeira impressão ou por dois ou três sinais. Eu não entendo você, você não me compreende e nós não compreendemos a nós mesmos. Um homem pode ser um excelente médico e não entender as pessoas. Não tenha tantas certezas e concorde com isso.

LVOV

— Você acha que é tão indecifrável e eu tão desprovido de inteligência que não possa distinguir a baixeza da honra.

IVÁNOV —

É claro que nós nunca vamos nos entender. Pela última vez eu peço que me responda, por favor: O que você quer de mim? Por que tudo isso? *[Com irritação.]* Eu estou falando com quem? Com o inspetor geral ou com o médico de minha mulher?

LVOV

— Eu sou médico e exijo que você mude sua conduta... Isso está matando Anna Petróvna!

IVÁNOV

— O que você quer que eu faça? O que? Já que você me compreende melhor do que eu mesmo, diga exatamente o que eu devo fazer.

LVOV

— Pelo menos ser mais discreto.

IVÁNOV

— Ah, meu Deus! Será que você sabe o que está dizendo? *[Bebe água.]* Me deixe. Eu sou mil vezes culpado e por isso eu vou responder a Deus, mas ninguém deu a você o direito de me torturar todo dia.

LVOV

— E quem deu a você o direito de insultar minha verdade? Você tem envenenado a minha alma. Antes de chegar aqui, eu sabia da existência de gente estúpida, louca, exaltada, mas nunca pensei que pudessem existir criminosos tão conscientes, capazes de optar deliberadamente pelo mal. Eu respeitava e amava as pessoas, mas desde que o conheci...

IVÁNOV

— Eu já ouvi isso!

LVOV

— Ouviu? *[Vê Sacha entrar com roupa de montaria.]* Acho que agora nós nos compreendemos claramente. *[Sai.]*

CENA VII

IVÁNOV E SACHA

IVÁNOV *[assustado]*

— Sacha!

SACHA

— Não esperava me ver? Por que você não apareceu mais lá em casa?

IVÁNOV

— Sacha, pelo amor de Deus! Que imprudência! Sua vinda aqui pode agravar o estado da minha mulher.

SACHA

— Ela não vai me ver. Eu entrei pelos fundos e vou logo embora. Eu estava preocupada. Você está bem? Por que não apareceu todo esse tempo?

IVÁNOV

— Minha mulher já está muito magoada, quase morrendo e você vem aqui! Sacha, Sacha, é leviano e desumano.

SACHA

— O que você queria que eu fizesse? Você não vai lá há duas semanas, não respondeu às minhas cartas. Não pude mais. Achei que você estava sofrendo, doente, morto! Não consegui dormir nenhuma noite. Eu já vou. Mas pelo menos me diga: você está bem?

IVÁNOV

— Não, eu me torturo e todo mundo também me tortura sem parar. Não tenho mais forças! E agora você vem aqui! Como tudo isso é doente, anormal! Sacha, eu sou culpado, culpado!...

SACHA

— Você adora as palavras trágicas! Você é culpado? Culpado de quê?

IVÁNOV

— Eu não sei, não sei...

SACHA

— Isso não é resposta. Quem é culpado deve saber porquê. Você andou falsificando dinheiro?

IVÁNOV *[Grita.]*

— Não tem graça!

SACHA

— E sua culpa se parou de amar a sua mulher? Talvez, mas ninguém manda nos sentimentos. Você não quis deixar de gostar dela. Você tem culpa se ela nos viu quando eu estava dizendo que te amava? Não, você não queria que ela visse.

IVÁNOV *[interrompendo]*

— Etc... etc... Eu amei, eu parei de amar, eu não mando mais nos meus sentimentos. Tudo isso é lugar comum, frases feitas que não servem pra nada.

SACHA

— Você me cansa. *[Olha um quadro.]* Como esse cachorro está bem pintado. Foi pintado do natural?

IVÁNOV

— Foi... Já o nosso romance é uma cópia barata e vulgar. Ele está acabado, no fundo do poço; ela aparece forte e saudável e lhe dá a mão. Isso é bonito e verdadeiro nos livros, mas na vida...

SACHA

— Na vida é igual.

IVÁNOV

— Você compreende a vida muito bem! Você sente compaixão da minha dor e acha que eu sou um segundo Hamlet, mas pra mim essa minha loucura é ridícula. E de morrer de rir e você grita por socorro. Salvar um homem, realizar um feito heróico! Ah. como eu estou com raiva de mim. Eu sinto que essa tensão vai acabar mal. Ou eu vou arrebentar alguma coisa ou...

SACHA

— E exatamente isso que você precisa. Arrebentar, rasgar, gritar. Você está irritado comigo, eu fiz uma besteira de ter vindo aqui. Então reaja, grite comigo, bata os pés! Fique irritado!... *[Pausa.]* Então!

IVÁNOV

— Engraçada.

SACHA

— Ótimo. Acho que vi um sorriso! Você poderia me conceder a gentileza de rir mais uma vez?

IVÁNOV *[ri]*

— Quando você resolve me salvar ou me aconselhar, seu rosto fica com uma expressão muito, muito ingênua e suas pupilas se dilatam como se estivessem vendo um cometa. Espere, você tem poeira nos ombros. *[Ele tira poeira dos ombros dela.]* Um homem ingênuo é um imbecil. Mas as mulheres conseguem ser ingênuas de um jeito encantador, generoso, equilibrado, e não parece nada imbecil. Mas que mania vocês têm! Se um homem é saudável, forte, feliz, vocês não prestam a menor atenção a ele, mas basta ele decair e se fazer de coitado que vocês se lançam

nos seus braços. Por acaso é pior ser mulher de um homem forte e corajoso do que enfermeira de um chorão fracassado?

SACHA

— É pior.

IVÁNOV

— E por quê? *[Ele ri.]* Ainda bem que Darwin não sabia disso. Senão, vocês iam ver. Vocês degeneram a raça humana. Dependendo de vocês, só deviam nascer os chorões e os neuróticos.

SACHA

— Tem coisas que os homens não entendem. Qualquer mulher prefere um perdedor a um bem-sucedido porque se sente atraída por um amor ativo... entende? Ativo. Os homens estão sempre ocupados. para eles o amor é secundário. Conversar com a mulher, passear com ela no jardim. se divertir um pouco e chorar no seu túmulo é tudo. Para nós o amor é toda nossa existência. Eu te amo, quer dizer que eu sonho em curar a sua tristeza, em andar cem *verstas* ao seu lado, em acompanhar você até o fim do mundo. Se você está no alto eu vou junto, você cai no abismo, eu caio também. Como eu seria feliz em passar a noite copiando seus papéis ou vigiando o seu sono para que ninguém o acordasse. Eu me lembro que há três anos atrás, mais ou menos, você chegou lá em casa na época da colheita, coberto de poeira, queimado de sol, morto de cansaço, pedindo água. Quando eu voltei você já estava caído no sofá. Você dormiu doze horas seguidas e eu tomei conta o tempo todo pra que ninguém entrasse. E como *fi*quei feliz! Quanto mais difícil é o amor, melhor ele é, quer dizer, mais forte. Entende?

IVÁNOV

— O amor ativo... hum... Filosofia de mocinhas ou talvez, seja isso mesmo... *[Balança os ombros.]* Quem sabe? *[Brincando.]* Sacha, palavra de honra eu sou um homem honesto!... Julgue você mesma: eu sempre gostei de filosofar, mas nunca disse: "Nossas mulheres são depravadas" ou "Essa mulher deu um mau passo . Eu sempre fui grato a elas. Minha boa menina, você é divertida e eu, ridículo. Eu incomodo os outros e passo o dia me lamentando. *[Ele ri.]* Buá, buá. *[Ele se afasta rápido dela.]* Mas vá, Sacha. Nós não vimos o tempo passar.

SACHA

— É, já está na hora. Adeus. Eu tenho medo de que o seu honesto Doutor, com seu senso de dever tenha contado a Anna Petróvna que estou aqui. Vá logo pra junto da sua mulher e fique lá com ela. Fique um ano, dez anos se for preciso. Cumpra o seu dever. Sofra, peça perdão, chore... É assim que deve ser. Mas o mais importante, não se esqueça de nos.

IVÁNOV

— Eu estou com aquele gosto horrível na boca. Outra vez.

SACHA

— Que Deus o proteja. Não se preocupe comigo. Bastam umas linhas de vez em quando, eu vou ficar agradecida. Eu vou te escrever. *[Bórkin enfia a cabeça na porta.]*

CENA VIII

IVÁNOV, SACHA E BÓRKIN

BÓRKIN

— Nikolai, posso entrar? *[Vendo Sacha.]* Desculpe, eu não tinha visto... *[Entra.] Bonjour.*

SACHA

— Bom-dia...

BÓRKIN

— Você engordou, está mais bonita.

SACHA *[a Ivánov]*

— Eu já vou indo, Nikolai... Eu já vou. *[Sai.]*

BÓRKIN

— Que visão maravilhosa! Vim procurando prosa e encontro a poesia. *[Canta.]* Você apareceu como um passarinho... Na luz *[Ivánov anda nervoso. Bórkin senta.]* Ela tem qualquer coisa de diferente, não tem? Qualquer coisa de particular... de fantasmagórico. *[Suspira.]* É o melhor partido da região, mas a mãezinha é tão terrível que ninguém se aproxima. Quando morrer, tudo vai para Sacha, mas por enquanto, ela só dará 10000 rublos, um frisador de cabelo ou ferro de passar roupa, exigindo por isso um reconhecimento eterno. *[Mexendo nos bolsos.]* Quer fumar? *[Oferece a cigarreira.]* Esses são bons. Pode pegar.

IVÁNOV *[se aproxima com raiva]*

— Você tem um minuto para sair da minha casa. *[Bórkin se levanta e deixa cair o charuto.]* Um minuto!

BÓRKIN

— Nicolas, o que significa isso? Por que você está tão zangado?

IVÁNOV

— Por quê? De onde vêm esses charutos? Pensa que não sei para onde você leva o velho todos os dias e com que propósito?

BÓRKIN *[abanando os ombros]*

— E que diferença isso faz pra você?

IVÁNOV

— Canalha! Os projetos que você espalhou em toda a região me fizeram passar por um homem desonesto! Nós não temos nada em comum e eu peço pra sair de minha casa imediatamente.

[Anda agitado.]

BÓRKIN

— Eu sei que está nervoso e não vou brigar com você. Pode me ofender à vontade... *[Pega o charuto.]* Mas já está na hora de acabar com essa melancolia. Você não é mais um adolescente.

IVÁNOV

—Você não ouviu o que eu disse? *[Tremendo.]* Você está brincando comigo? *[Entra Anna.]*

CENA IX

BÓRKIN, ANNA E IVÁNOV

BÓRKIN

— Olhe, Anna está aí... Eu já estou indo. *[Sai. Ivánov pára perto da mesa de cabeça baixa.]*

ANNA *[depois de um tempo]*

— Por que ela veio aqui? *[Pausa.]* Eu estou perguntando: por que ela veio aqui?

IVÁNOV

— Não me pergunte nada, Anna,.. *[Tempo.]* Eu sou profundamente culpado. Me castigue do jeito que você quiser... Eu vou suportar tudo... Mas não me faça perguntas. Eu não tenho forças pra falar.

ANNA *[com raiva]*

— Por que ela veio aqui? *[Pausa.]* Agora eu compreendi. Agora vejo como você é de verdade. Sem honra, vil... Lembra como você mentia dizendo que me amava... Eu acreditei e deixei meu pai, minha mãe, minha fé e te segui... Você mentia quando me falava da verdade, da bondade, quando fazia grandes projetos e eu acreditava em cada palavra.

IVÁNOV

— Eu nunca menti pra você, Anna.

ANNA

— Eu vivi com você cinco anos. Me consumi, fiquei doente, mas eu te amava e não te deixei um minuto... Você era meu ídolo... E durante esse tempo, você me enganou de uma forma aviltante.

IVÁNOV

— Aníuta, isso não é verdade. Eu errei, mas nunca menti pra você. Disso você não tem o direito de me acusar.

ANNA

— Agora tudo está claro... Você casou comigo pensando que meus pais me perdoariam e me dariam o dinheiro... Foi isso que você pensou.

IVÁNOV

— Ah! Meu Deus! Aníuta, paciência tem limites... *[Ele chora.]*

ANNA

— Cale a boca! Quando viu que não teria o dinheiro, mudou o jogo... Agora me lembro de tudo, compreendo tudo. *[Ela chora.]* você nunca me amou, nunca me foi fiel... nunca...

IVÁNOV

— Sara... isso é mentira! Diga o que quiser, mas não me ofenda com mentiras.

ANNA

— Você é desonesto, vil... Você deve dinheiro ao Liébedev e agora, pra se livrar da dívida, você quer virar a cabeça da filha, para enganá-la como me enganou. Não é verdade?

IVÁNOV *[suspirando]*

— Cale a boca pelo amor de Deus! Eu não respondo mais por mim. Estou louco de raiva e eu... eu sou capaz de te insultar...

ANNA

— E eu não fui a única que você enganou. Todas as canalhices você jogava sobre Micha, mas agora eu sei quem era o responsável.

IVÁNOV

— Sara, cale-se e saia, senão eu não vou me controlar. Vou dizer coisas horríveis, ofensivas... *[Grita.]* Cale a boca, judia!

ANNA

— Eu não vou me calar... você me enganou por muito tempo. Eu não vou me calar...

IVÁNOV

— Você não vai se calar? *[Luta contra ele mesmo.]* Pelo amor de Deus!

ANNA

— Agora vá enganar a filha dos Liébedev.

IVÁNOV

— Ah! Então escute: você vai morrer logo. O doutor disse que você vai morrer logo...

ANNA *[senta e com voz velada]*

— Quando ele disse isso? *[Pausa.]*

IVÁNOV *[segurando a cabeça]*

— Como eu sou culpado! Meu Deus, como eu sou culpado! *[Soluça.]*

QUARTO ATO

CENA 1

LVOV

(UM ANO DEPOIS. SALA NA CASA DOS LIÉBEDEV UM ARCO SEPARA A SALA DE VISITAS DO SALÃO, PORTAS À DIREITA E À ESQUERDA, BRONZES ANTIGOS, RETRATOS DE FAMÍLIA, AMBIENTE DE FESTA. UM PIANO, UM VIOLINO, UM VIOLONCELO. CONVIDADOS VESTIDOS DE BAILE CIRCULAM PELO SALÃO DURANTE TODA A CENA.)

LVOV [*entra e olha seu relógio]*

— Cinco horas. A bênção já vai começar... Em seguida, eles vão casar. É o triunfo da virtude e da verdade! Ele não conseguiu roubar o dinheiro de Sara, torturou-a até a morte e a enterrou. Agora ele encontrou outra e vai recomeçar seu jogo de hipocrisia até conseguir roubá-la e enviá-la para junto da pobre Sara. E a velha história do camponês rico... *[Pausa.]* Ele está no sétimo céu e vai morrer muito velho, com a consciência tranqüila. Não, eu vou desmascarar você. Quando eu arrancar essa maldita máscara e virem o monstro que você é, você vai cair desse sétimo céu num inferno tão profundo que nem o próprio diabo vai encontrar você. Eu sou um homem honesto, é meu dever intervir, abrir os olhos das pessoas. Eu vou cumprir o meu dever e amanhã vou embora desse maldito lugar. *[Ele pensa.]* Mas o que eu vou fazer? Não adianta conversar com Liébedev. Desafiar Ivánov para um duelo? Fazer um escândalo? Meu Deus, estou nervoso como um menino. Não consigo pensar. Fazer o quê: um duelo?

CENA II

KOSSÍKH E LVOV

KOSSÍKH *[entra feliz]*

— Imagine que ontem eu declarei um pequeno slan, em paus, e fiz um grande slan... Mas foi outra vez esse Barabánov que estragou tudo. Nós estávamos jogando. Eu disse sem trunfo. Ele passou. Dois paus. Ele passou. Dois ouros... Três paus, e imagine: eu disse pequeno slan e ele não mostrou o ás. Se esse canalha tivesse mostrado o ás, eu poderia ter dito grande slan sem trunfo.

LVOV

— Desculpe, mas eu não jogo cartas e não posso compartilhar do seu entusiasmo. Já vai começar A benção já vai começar?

KOSSÍKH

— Logo. Assim que reanimarem Zinaída. Ela está chorando como uma louca. Por causa do dote.

LVOV

— Não é pela filha?

KOSSÍKH

— Não, pelo dote. É uma vergonha. Casando-se, ele não vai pagar a dívida. Ninguém vai protestar os títulos do próprio genro.

CENA III

KOSSÍKH, LVOV E BABÁKINA

BABÁKINA *[enfeitada, ar de importância, passa por Lvov e Kossíkh ri]*

— Não seja bobo! *[Kossíkh toca de leve na cintura dela.]* Seu mujique! *[Sai.]*

KOSSÍKH *[gargalhando]*

— Ela ficou maluca. Até que a idéia de ser condessa subisse a cabeça dessa babaquina, era uma boboca como as outras, mas agora está intratável! *[Imitando.]* Seu mujique!

LVOV *[inquieto]*

— Diga francamente! O que você acha de Ivánov?

KOSSÍKH

— Não vale nada. Joga como um sapateiro. No ano passado, depois da Páscoa, nós começamos uma partida, eu, o Conde, Micha e ele. Eu dei...

LVOV *[interrompendo]*

— Ele á um homem honesto?

KOSSÍKH

— Um canalha de primeira. Um espertalhão. O Conde e ele valem a mesma coisa. Eles têm um faro. Mas com a judia se deram mal, então, agora ele está de olho no cofre da Zinaída. Eu aposto que em um ano ele leva Zinaída à falência... ele a Zinaída, e o Conde a Babákina. Vão passar a mão no dinheiro e levar um vidão. Doutor, por que você está tão pálido hoje?

LVOV

— Não é nada, eu bebi um pouco demais ontem.

CENA IV

LIÉBEDEV, KOSSÍKH E SACHA

LIÉBEDEV *[entrando com Sacha]*

— Aqui nós podemos conversar. *[A Lvov e Kossíkh.]* Vão para o salão ver as moças. Nós temos que falar em particular.

KOSSÍKH *[estalando os dedos com entusiasmo]*

— É uma pintura. Uma dama de espadas!

LIÉBEDEV

— Saia, troglodita! *[Kossíkh e Lvov saem.]* Senta, Sacha. *[Ele senta e olha para os lados.]* E escute com atenção. É o seguinte: sua mãe me encarregou de dizer... Você sabe? Não sou eu, foi sua mãe que mandou.

SACHA

— Papai, fale logo.

LIÉBEDEV

— O seu dote é de 15000 rublos. Que isso fique bem claro, para não haver problemas depois. Espere, fique quieta. Tem mais. O dote é de 15 000 rublos, mas levando em conta que Ivánov deve 9000 à sua mãe, isso vai ser deduzido do total. Além do quê...

SACHA

— Por que você está me dizendo isso?

LIÉBEDEV

— Sua mãe é que mandou.

SACHA

— Me deixe em paz. Se você tivesse o menor respeito por mim e por você mesmo, não se permitiria falar comigo desse jeito. Eu não preciso do seu dote! Eu não pedi nada, nem estou pedindo.

LIÉBEDEV

— Por que você está me agredindo? Numa história de Gógol, dois ratos se farejam e vão embora. Você, que é uma moça emancipada, não fareja. mas ataca.

SACHA

— Me deixe em paz e poupe meus ouvidos dessas ninharias.

LIÉBEDEV *[inflamado]*

— Vocês duas vão acabar conseguindo que eu me mate ou mate alguém. Uma passa o dia chorando, gemendo, falando mal dos outros e contando os copeques. A outra é inteligente, humana, independente, mas incapaz de compreender seu próprio pai! O que eu digo ofende os seus ouvidos. Mas antes de vir aqui ferir os seus ouvidos *[aponta a porta]* eu fui despedaçado e martirizado. Ela nunca vai entender... Pra ela você perdeu a cabeça... Ah! Que vão todos para o diabo. *[Dirige-se para a porta e pára.]* Eu não gosto disso, eu não gosto nada do que vocês estão fazendo.

SACHA

— Do que é que você não gosta?

LIÉBEDEV

— De tudo.

SACHA

— De tudo?

LIÉBEDEV

— Então você acha que eu vou me sentar na sua frente e dizer o que eu penso... Eu não gosto de nada disso! Não quero nem assistir a seu casamento... *[Aproxima-se de Sacha com ternura.]* Desculpe, Sacha, talvez o seu casamento seja inteligente, nobre, puro, cheio de boas intenções, mas tem alguma coisa que não vai. Não é um casamento como os outros. Você é jovem, leve, pura como um cristal e ele, um viúvo gasto e surrado. Que Deus me perdoe mas eu não o compreendo. *[Beija a filha.]* Sacha. me desculpe, mas tem qualquer coisa que não é muito clara nisso tudo. Tem muito falatório. Sara morreu não se sabe como e, logo depois, não se sabe por que, ele resolve casar com você... *[Vivamente.]* Mas eu estou parecendo uma comadre. Não me dê ouvidos. Só escute a você mesma.

SACHA

— Papai, eu também sinto que tem alguma coisa errada. Se você soubesse como isso é penoso! É insuportável! Eu tenho medo. Papai, me dê coragem, pelo amor de Deus... Diga-me o que eu devo fazer.

LIÉBEDEV

— O que você quer dizer?

SACHA

— Eu nunca senti tanto medo em minha vida. *[Ela olha pra ver se não tem ninguém perto.]* Eu acho que não o compreendo e nunca vou compreender. Durante o nosso noivado, ele não me sorriu nenhuma vez e nem me olhou nos olhos. Ele se lamenta o tempo todo, arrepende-se de não sei o quê, fala de uma culpa, treme... Eu estou cansada. As vezes parece que eu não o amo tanto

quanto deveria. E quando ele vem aqui em casa ou me fala de alguma coisa, eu me aborreço... O que isso quer dizer, papai? Eu tenho medo!

LIÉBEDEV

— Minha querida, minha criança, escute seu velho pai. Desista dele.

SACHA *[assustada]*

— O que você está dizendo?

LIÉBEDEV

— E o certo, Sacha. Vai ser um escândalo, todas as más línguas da região vão falar. Mas é melhor suportar o escândalo que arruinar a vida inteira.

SACHA

— Não diga isso, papai, eu nem quero ouvir. E preciso lutar contra essas idéias sombrias. Ele é um homem bom, infeliz, incompreendido. Eu vou amá-lo, respeitá-lo e erguê-lo. Vou cumprir minha tarefa. Está decidido!

LIÉBEDEV

— Isso não é uma tarefa, é uma loucura.

SACHA

— Chega. Confessei o que eu não queria dizer a mim mesma. Não comente com ninguém. Vamos esquecer.

LIÉBEDEV

— Eu não entendo nada. Ou fiquei idiota depois de velho, ou vocês são inteligentes demais para mim. Vocês podem me destruir se quiserem, eu não entendo nada.

CENA V

LIÉBEDEV, SACHA E CHABÉLSKI

CHABÉLSKI *[entrando]*

— Para o inferno todo mundo e eu também! É revoltante!

LIÉBEDEV

— O que você tem?

CHABÉLSKI

— Não, falando sério, eu tenho que fazer essa baixeza para que todo mundo se sinta como estou me sentindo. E eu vou fazer. Palavra de honra! Eu já disse para o Micha que ele pode anunciar meu noivado hoje. *[Ri.]* Todo mundo é miserável, então também vou ser.

LIÉBEDEV

— Eu estou farto de você. Você está chegando a tal ponto que se continuar assim, vai acabar num hospício.

CHABÉLSKI

— E o hospício é pior do que aqui? Por favor, me leve pra lá agora mesmo. Todos são mesquinhos, incapazes e eu também. Estou enojado até de mim mesmo e não me levo mais a sério.

LIÉBEDEV

— Sabe de uma coisa, meu irmão. Ponha uma estopa na boca, taque fogo e sopre nas pessoas. Ou melhor: pegue o chapéu e volte pra casa. Isso é um casamento; todo mundo se diverte e você fica grasnando como um corvo! *[Chabeslki se apóia no piano e depois soluça.]* Meu Deus...! O que você tem? Meu amigo... eu o ofendi? Então, me desculpe, eu sou um bobo... Perdoe um velho bêbado... Tome um pouco d'água.

CHABÉLSKI

— Não precisa. *[Levanta a cabeça.]*

LIÉBEDEV

— Por que você está chorando?

CHABÉLSKI

— Por nada.

LIÉBEDEV

— Matvei, não minta... Por quê? Qual é o motivo?

CHABÉLSKI

— É que, de repente, eu vi aquele violoncelo e lembrei da judiazinha.

LIÉBEDEV

— Isso é hora de lembrar? Que ela descanse em paz, mas não é o momento de lembrar disso.

CHABÉLSKI

— Nós tocávamos duetos... Era uma mulher maravilhosa, encantadora. *[Sacha soluça.]*

LIÉBEDEV

— E você, o que você tem? Pare! Meu Deus, agora os dois estão chorando e eu... e eu... Pelo menos saiam daqui, os convidados podem ver!

CHABÉLSKI

— Pável, quando o sol brilha, até um cemitério é alegre. Quando existe esperança, até a velhice é boa. Mas eu não tenho nenhuma esperança.

LIÉBEDEV

— Na verdade, você é muito infeliz... Sem filhos, sem dinheiro, sem ocupação. Mas fazer o quê? *[A Sacha.]* E você, o que você tem?

CHABÉLSKI

— Pável, me dê dinheiro. No outro mundo, nós ajustamos as contas. Eu vou a Paris, vou ver o túmulo da minha mulher. Durante a minha vida, eu dei muito, distribui a metade da minha fortuna e tenho direito de pedir. Além do mais, peço a um amigo!

LIÉBEDEV *[desesperado]*

— Meu velho, eu não tenho um copeque. Mas, enfim... quer dizer, eu não prometo nada, entende? *[A parte.]* Eles me matam.

CENA VI

OS MESMOS, BABÁKINA E ZINAÍDA

BABÁKINA *[entrando]*

— Onde está meu cavalheiro? Conde, como pode me deixar sozinha? Você é um malvado. *[Bate com um leque.]*

CHABÉLSKI *[com desgosto]*

— Me deixe em paz! Eu te detesto.

BABÁKINA *[surpreendida]*

— Como?

CHABÉLSKI

— Vá embora!

BABÁKINA *[caindo numa poltrona]*

— Ah! *[Chora.]* Meu Deus!

ZINAÍDA *[entra chorando]*

— Alguém acabou de chegar, acho que é o padrinho do noivo. Está na hora da benção. *[Soluça.]*

SACHA *[suplicante]*

— Mamãe!

LIÉBEDEV

— Agora todo mundo chora! Um quarteto! Vocês vão encharcar aqui de umidade! Matvei! Marfa Iegórovna!... Se é assim... Eu também vou chorar... *[Chora.]* Meu Deus!

ZINAÍDA

— Já que você não precisa mais da sua mãe, nem lhe deve obediência... Muito bem, seja feliz, eu te abençôo.

CENA VII

OS MESMOS E IVÁNOV

[IVÁNOV ESTÁ DE FRAQUE E LUVAS.]

LIÉBEDEV

— Era só o que faltava! O que está acontecendo?

SACHA

— O que você veio fazer aqui?

IVÁNOV

— Desculpem, mas eu preciso falar com Sacha em particular.

LIÉBEDEV

— Não se deve ver a noiva antes do casamento! Você devia estar na igreja.

IVÁNOV

— Pável, por favor, eu imploro. *[Liébedev encolhe os ombros e sai com Zinaída, Chabélski e Babákina.]*

CENA VIII

SACHA E IVÁNOV

SACHA

— O que você quer?

IVÁNOV

— Estou louco de raiva, mas vou tentar falar com calma. Enquanto me vestia para o casamento. vi meus cabelos brancos no espelho. Sacha, antes que seja tarde, é preciso parar com essa comédia... Você é jovem, pura, tem a vida toda e eu...

SACHA

— Nada disso é novidade, já escutei isso mil vezes e já chega. Vá para a igreja e não faça as pessoas esperarem.

IVÁNOV

— Eu vou voltar para casa e você explique para sua família que não vai haver casamento. Explique do jeito que você quiser. Já está na hora de recuperar o bom senso. Eu representei o papel de Hamlet e você da mocinha sensível... Já chega.

SACHA *[com desprezo]*

— Que tom é esse? Eu não quero escutar.

IVÁNOV

— E eu estou falando e vou continuar.

SACHA

— Por que você veio? As suas lamentações são ridículas.

IVÁNOV

— Não, eu não vou me lamentar mais! Ridículo? E, eu me acho ridículo mesmo. E se fosse possível, me ridicularizaria mil vezes mais pra fazer todo mundo rir de mim. Enquanto eu me via no espelho, uma coisa estalava na minha consciência. Eu ri de mim mesmo e quase enlouqueci de vergonha. *[Ri.]* Melancolia!... Grande angústia! Só me falta escrever versos. Gemer, chorar, incomodar as pessoas, ver que a minha vitalidade se foi para sempre, que estou arruinado, que meu tempo passou, que perdi toda a minha força de vontade e estou enterrado até o pescoço nessa tristeza incontrolável. Ter consciência disso enquanto lá fora o sol está brilhando e uma formiga carrega seu fardo satisfeita... Não, isso não! Uns consideram você um charlatão, outros têm pena, outros dão a mão para ajudar e tem ainda os piores, aqueles que ouvem com respeito,

consideram você um grande profeta, e esperam a revelação súbita de uma nova religião. Não, eu ainda tenho orgulho e consciência! Graças a Deus! Vindo pra cá, eu tive a impressão de que os pássaros riam de mim, e as árvores também...

SACHA

— Isso não é raiva, é loucura!

IVÁNOV

— Você acha? Não, eu não estou louco. Agora, eu vejo as coisas claras e meus pensamentos são tão puros quanto a sua consciência. Nós nos amamos, mas não vai haver casamento. Eu posso destruir a minha vida à vontade, mas não a dos outros! Eu envenenei os últimos anos de vida da minha mulher com os meus lamentos. Desde que ficamos noivos, você parou de rir e envelheceu cinco anos. Por minha causa, o seu pai, para quem a vida era tão simples, não entende mais as pessoas. Aonde eu vou carrego comigo o tédio, o desânimo, a insatisfação. Escute, não me interrompa. Eu estou sendo rude, violento, me desculpe, mas a raiva me sufoca e não consigo falar de outro jeito. Eu nunca menti, nunca reclamei da vida, mas desde que fiquei assim, eu faço isso sem perceber, é mais forte do que eu. Eu me queixo do meu destino e todos que me escutam se contaminam e começam a se lamentar da vida também. E eu falo de um modo!... Como se estivesse fazendo um favor à natureza. Que o diabo me carregue!

SACHA

— Um momento... Por tudo que você disse, parece que você cansou de chorar e é o momento de começar uma vida nova. E isso é maravilhoso!..

IVÁNOV

— Não vejo nada de maravilhoso nisso. E que vida nova é essa? Eu estou destruído pra sempre. Já é hora de nós dois percebermos. Uma vida nova!

SACHA

— Nikolai, caia em si! Quem disse que você está destruído?! Que cinismo é esse? Não, eu não quero ouvir nem discutir... Vá para a igreja!

IVÁNOV

— Destruído!

SACHA

— Não grite assim, os convidados podem ouvir.

IVÁNOV

— Quando um homem saudável, culto, inteligente, começa a se fazer de coitado e decair, ele não consegue parar, não há nada que possa salvá-lo. Hein?! Qual a salvação? Beber? Me dá dor de cabeça. Admirar a minha preguiça e ver nela qualquer coisa de sublime? Não, isso é poesia barata. A preguiça é a preguiça, a fraqueza é a fraqueza, eu não encontro outra definição. Estou

perdido, estou perdido, isso não se discute. *[Olha em volta.]* Podem nos interromper de repente. Escute. Se você me ama, me ajude. Não perca seu tempo, desista de mim! Agora!

SACHA

— Ah, Nikolai! Se você soubesse como está me torturando! Você é bom, inteligente, tente compreender. Será que é possível tanto problema? Cada dia um novo problema, cada um mais complicado que o outro. Eu queria um amor ativo, mas isso é um martírio.

IVÁNOV

— E quando você for minha mulher, os problemas vão ser ainda mais complicados. Desista de mim! Você não é movida pelo amor, mas pela obstinação da sua natureza pura. Você se propôs devolver-me a vida custasse o que custasse. Você estava pronta para cumprir um ato heróico. Agora, você quer recuar, mas um falso sentimento não a deixa. Entende?

SACHA

— Sua lógica é estranha, absurda! Como eu posso desistir de você? Como? Você não tem mãe, nem irmã, nem amigos... Você está arruinado, sua fazenda devastada, difamado por todo mundo.

IVÁNOV

— Foi besteira vir aqui. Eu devia ter feito o que queria.

CENA IX

OS MESMOS E LIÉBEDEV

SACHA *[corre ao encontro do pai]*

— Pelo amor de Deus, papai, ele chegou aqui como um louco e está me torturando. Ele exige que eu desista dele, diz que não quer me destruir. Diga a ele que eu não quero a sua generosidade. Eu sei o que faço.

LIÉBEDEV

— Eu não estou entendendo nada. Que generosidade?

IVÁNOV

— Não vai haver casamento.

SACHA

— Vai haver, sim. Diga a ele, papai.

LIÉBEDEV

— Um momento, um momento! Por que você não quer mais o casamento?

IVÁNOV

— Eu já expliquei, mas ela não quer entender.

LIÉBEDEV

— Não é a ela que você tem que explicar, mas a mim e de forma que eu entenda! Ah, Nikolai! Que Deus lhe perdoe! Você jogou nossa vida numa confusão tal que é como se eu estivesse num circo de horrores. Olho e não entendo nada... Um suplício... O que um velho como eu pode fazer com você? Desafiar para um duelo, é isso?

IVÁNOV

— Não há necessidade de duelo. É só colocar a cabeça no lugar e entender o que as pessoas falam.

SACHA *[anda agitada]*

— E terrível, terrível! E uma criança.

LIÉBEDEV

— Eu não sei o que dizer. Para você, tudo isso é muito inteligente, muito delicado e conforme as regras da psicologia, mas para mim é um escândalo, uma desgraça. Escute pela última vez esse velho! Fique calmo! Veja as coisas com simplicidade! Tudo é simples nesta vida. O teto é branco, os sapatos são pretos, o açúcar é doce. Você ama Sacha e ela te ama. Se você a ama, fi-

que com ela, se você não a ama, vá embora, não vamos lhe querer mal. E muito simples. Vocês dois são saudáveis, inteligentes, sérios e, graças a Deus, têm o que comer e o que vestir. O que mais falta? Você não tem dinheiro? Grande coisa. O dinheiro não traz a felicidade... Eu entendo. Sua propriedade está hipotecada. Você não tem como pagar os juros. Mas eu sou pai, eu compreendo... a minha mulher faz o que quiser. Que Deus a guarde se ela não quiser dar dinheiro. Não faz mal. Sacha diz que não precisa de dote. Os princípios, Schopenhauer... Tudo isso é besteira. Eu tenho 10000 rublos no banco. *[Olha em volta.]* Aqui em casa ninguém sabe... Era da sua avó... E para vocês dois... Peguem, com a condição de dar dois mil para o conde. *[Começam a chegar os convidados.]*

IVÁNOV

— Essa conversa não leva a nada. Vou agir de acordo com a minha consciência.

SACHA

— Eu também vou fazer o que manda a minha consciência. Você pode falar à vontade, eu não vou te deixar. Eu vou chamar mamãe. *[Sai.]*

CENA X

LIÉBEDEV E IVÁNOV

LIÉBEDEV

— Eu não entendo nada...

IVÁNOV

— Escute, pobre diabo... Eu não vou tentar explicar se sou crápula ou honesto, saudável ou louco. Não vai entrar na sua cabeça. Eu era um jovem inflamado, sincero e inteligente... Amava, odiava e acreditava em coisas diferentes dos outros. Trabalhei e esperei por dez anos, lutei contra moinhos de vento, bati a cabeça na parede, sem medir forças, sem pensar, sem conhecer a vida, carreguei um fardo muito pesado sobre as minhas costas que vergaram. Minhas veias saltaram. Eu tinha pressa de fazer tudo enquanto fosse jovem, me embriagava, ficava excitado, sem limites. E podia ser de outro modo? Nós somos tão poucos e há tanto a fazer. Tanto, meu Deus! E agora, a vida, que eu desafiei, se vinga. E me sinto arrasado. Aos trinta anos já era velho, já usava chinelos, cansado, moído, quebrado, sem fé, sem amor, sem objetivo e sem saber quem eu sou, porque vivo o que quero. Eu já começo a achar o amor uma bobagem, o carinho enjoativo, o trabalho sem sentido, as canções e os discursos apaixonados banais e velhos. E onde quer que eu vá, carrego comigo a minha angústia, o meu vazio, o meu desprezo pela vida. Estou perdido para sempre! Você tem *à* sua frente um homem de 35 anos que já está esgotado, desiludido, massacrado pela mediocridade de suas ações, que morre de vergonha e ri da própria fraqueza. Ah! Como meu orgulho me revolta! Eu sufoco de tanta raiva. *[Titubeia.]* Eu estou tão fraco que mal consigo ficar de pé. Estou quase caindo. Onde está meu tio? Quero que ele me leve pra casa.

VOZES NA SALA

— O padrinho do noivo chegou!

CENA XI

Os MESMOS, CHABÉLSKI, BÓRKIN, Lvov E SACHA

CHABÉLSKI *[entrando]*

— De fraque emprestado, sem luvas e eles ficam debochando de mim. Que gentinha!

BÓRKIN *[entra com um buquê, de fraque e com a flor na lapela de padrinho]*

— Uff... Onde ele está? *[Para Ivánov]* Estão esperando você na igreja há um tempão e você fica aqui filosofando. Você é muito engraçado! Você sabe muito bem que não deve acompanhar a noiva até a igreja, mas ir comigo e eu volto pra pegar a noiva. Será que é tão difícil entender isso! Decididamente, você é um muito engraçado.

LVOV *[entrando, a Ivánov]*

— Ah! Você está aqui. *[Voz forte.]* Nikolai, eu quero que todo mundo ouça que você é um canalha.

IVÁNOV *frio]*

— Muito obrigado. *[Cot fusão geral.]*

BÓRKIN *[a Lvov]*

— Isso é um ultraje! Eu o desafio para um duelo.

LVOV

— Eu já considero degradante falar com o senhor; quanto mais me bater em duelo. Mas eu estou *à* disposição de Ivánov.

CHABÉLSKI

— Eu me bato com o senhor.

SACHA *[a Lvov]*

— Por quê? Por que você o insultou? Senhores, deixem que ele diga. Por quê?.

LVOV

— Alexandra Pavlovna, eu não o insultei gratuitamente. Eu vim aqui como homem honesto para abrir os seus olhos e peço que me escute.

SACHA

— O que você tem a dizer? Que você é um homem honesto? O mundo inteiro sabe disso. É melhor você dizer com a consciência limpa se você se conhece. Você vem aqui como um homem honesto e lança contra ele um insulto que quase me mata. Até aqui você o perseguiu como uma

sombra, atrapalhou sua vida, convencido de que está cumprindo seu dever como homem honesto. Você se intrometeu na sua vida particular, falou mal dele, o condenou. Você nos enviou cartas anônimas e sempre se considerando um homem honesto. Em nome da honestidade, você, um médico, não teve pena sequer de uma mulher doente, não a deixando em paz com as suas suspeitas. E, apesar de todas as violências, todas as vilezas que você cometeu, continuou a se achar um homem honesto, um progressista.

IVÁNOV *[rindo]*

— Isso não é um casamento. É um debate. Bravo! Bravo!

SACHA *[a Lvov]*

— Então, agora tente responder se você se conhece. Que gente insensível! *[Pega o braço de Ivánov.]* Nikolai, vamos sair daqui! Papai...

IVÁNOV

— Para onde? Espere, eu vou acabar com tudo isso! Minha juventude despertou outra vez. O Ivánov de antes. *[Traz o revólver]*

SACHA *[grita]*

— Eu sei o que ele vai fazer! Nikolai, pelo amor de Deus!

IVÁNOV

— Eu caí muito baixo! Agora chega! Está na hora de acabar! Se afastem! Obrigado, Sacha!

SACHA *[grita]*

— Nikolai, pelo amor de Deus! Segurem-no!

IVÁNOV

— Me deixem. *[Vai pra fora correndo. Um tiro.]*